



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
BACHARELADO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

DALLYNE EMANUELLY ARAÚJO VARÊDA

**HISTÓRIA E CARACTERIZAÇÃO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA:
ESTUDO DE CASO DE EMPREENDIMENTOS DAS MULHERES
EM SERRA TALHADA - PE E TRIUNFO - PE**

SERRA TALHADA – PE

2019

DALLYNE EMANUELLY ARAÚJO VARÊDA

**HISTÓRIA E CARACTERIZAÇÃO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA:
ESTUDO DE CASO DE EMPREENDIMENTOS DAS MULHERES
EM SERRA TALHADA - PE E TRIUNFO - PE**

Trabalho de conclusão de curso submetido ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharela em Ciências Econômicas.

Área de concentração: Economia Solidária

Orientador: Éder Lira de Souza Leão

SERRA TALHADA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

V292h Varêda, Dallyne Araújo

História e caracterização da economia solidária: estudo de caso de empreendimentos das mulheres em Serra Talhada - PE e Triunfo - PE/ Dallyne Araújo Varêda. – Serra Talhada, 2019.
69 f.: il.

Orientador: Éder Lira de Souza Leão

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em bacharelado em Ciências Econômicas) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada, 2019.
Inclui referência e apêndice.

1. Economia solidária. 2. Mulheres empreendedoras. 3. Empreendimentos solidários. I. Leão, Éder Lira de Souza, orient. II. Título.

CDD 330

DALLYNE EMANUELLY ARAÚJO VARÊDA

**HISTÓRIA E CARACTERIZAÇÃO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA:
ESTUDO DE CASO DE EMPREENDIMENTOS DAS MULHERES
EM SERRA TALHADA - PE E TRIUNFO - PE**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Ciências Econômicas da Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Universidade Federal Rural de Pernambuco, pela seguinte banca examinadora:

Banca Examinadora:

Examinadora: Prof. Éder Lira de Souza Leão
Unidade Acadêmica de Serra Talhada/UFRPE

Examinador: Prof. Luciano Galvão Freire Junior
Unidade Acadêmica de Serra Talhada/UFRPE

Examinadora: Prof.^a Nicole Louise Macedo Teles de Pontes
Unidade Acadêmica de Serra Talhada/UFRPE

Serra Talhada – PE, 08 de julho de 2019.

Dedico essa monografia a Deus por ter me dado forças, a minha mãe e irmã e aos amigos que me apoiaram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças no decorrer do caminho para conseguir cursar e estar concluindo o curso de Bacharelado em ciências econômicas, por nunca ter me abandonado nos momentos mais difíceis da minha vida e está sempre me guiando;

Agradeço a Universidade Federal Rural de Pernambuco – UAST, a minha mãe, minha irmã e meu cachorro Spike por terem me apoiado tanto nos momentos que achei que não conseguiria. Agradeço ao meu orientador Éder Lira de Souza Leão pela paciência e disposição em sempre ajudar. Aos professores que me incentivaram e contribuíram com novos conhecimentos;

Agradeço a Deus por ter colocado pessoas incríveis em minha vida, que contribuíram para a realização desse objetivo. Em especial a João Lucas, Wellinádja, Isabela, Mariany, Robson, Leilane, Adeilson, Antônio, Ewerlline e Alana que tornaram essa caminhada mais leve e alegre;

Por fim, agradeço as mulheres da Associação Marias Artesãs de Serra Talhada – PE e ao grupo de mulheres girassol do sítio Santo Antônio das Coroas e Triunfo – PE pela disponibilidade e colaboração com as informações necessárias para a construção desta monografia.

RESUMO

A economia solidária surge no Brasil na década de 1980, resultado de um cenário de crises econômicas e também de um processo democrático, isto é, um resultado das lutas democráticas da sociedade. Este estudo visa analisar a influência da economia solidária e quais as benesses na vida dessas mulheres que participam, essa análise foi feita com dois empreendimentos econômicos solidários, a Associação Marias Artesãs em Serra Talhada – Pernambuco e o grupo mulheres girassol do sítio Santo Antônio das Coroas em Triunfo – Pernambuco. Os empreendimentos são compostos apenas por mulheres. Resultado de uma pesquisa aplicada, explicativa e qualitativa, o estudo também contou com revisão bibliográfica, aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas, buscando extrair o máximo de informações e sua condição de vida após entrarem nessa nova economia. O estudo busca resgatar historicamente a construção desses empreendimentos econômicos solidários das discussões e atividades empenhadas, apontando os desafios enfrentados por essas mulheres. A pesquisa indicou que com base nos princípios, a economia solidária traz para as participantes: confiança, respeito, solidariedade, valorização das atividades realizadas e autonomia.

Palavras-chave: Economia solidária, mulheres, empreendimento econômicos solidários.

ABSTRACT

Solidarity economy emerged in Brazil in the 1980s, the result of a scenario of economic crises and also of a democratic process, that is, a result of the democratic struggles of society. This study aims to analyze the influence of the solidarity economy and what benefits in the lives of these women participating, this analysis was made with two economic enterprises of solidarity, the Marias Artisans Association in *Serra Talhada - Pernambuco* and the women group sunflower of the site *Santo Antônio das Coroas in Triunfo - Pernambuco*. Entrepreneurship is made up of women only. As a result of an applied, explanatory and qualitative research, the study also included bibliographical review, application of questionnaires and semi-structured interviews, seeking to extract the maximum information and life condition after entering this new economy. The study seeks to rescue historically the construction of these economic enterprises in solidarity with the discussions and activities involved, pointing out the challenges faced by these women. The research indicated that based on the principles, solidarity economy brings to the participants: trust, respect, solidarity, valorization of the activities carried out and autonomy.

Keywords: Solidary economy, women, solidarity economic enterprise.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Sertão do Pajeú	17
Figura 2 – Roteiro entre Serra Talhada – PE e Triunfo – PE e Triunfo – PE e o sítio Santo Antônio das Coroas.	18
Figura 3 – Confecção dos artesanatos em casa das participantes, 2019.	31
Figura 4 – Confecção de vestuário em crochê em casa da participante, 2019.	32
Figura 5 – Trabalhos realizados nos empreendimentos solidários, 2019.	33
Figura 6 – A motivação de adquirirem novas experiências nos empreendimentos solidários, 2019.	35
Figura 7 – Reuniões de artesãs em Serra Talhada – PE, 2018	38
Figura 8 – Comercialização dos produtos por meio de feiras, 2019.	40
Figura 9 – Comercialização de feira organizada pela prefeitura de Serra Talhada-PE, 2017.	41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição de mulheres empreendedoras por associação e grupos produtivos, 2019.	23
Tabela 2 – Estado civil das mulheres em empreendimentos solidários, 2019.	23
Tabela 3 – Renda per capita dos municípios Serra Talhada e Triunfo	25
Tabela 4 – Princípios que há mais percepção nos empreendimentos solidários, 2019.	36

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Renda das mulheres em empreendimentos solidários na cidade de Serra Talhada – PE e Triunfo – PE	26
Gráfico 2 – Escolaridade das mulheres com empreendimentos solidários em Serra Talhada - PE e Triunfo – PE	27
Gráfico 3 – Tipos de trabalhos realizados nos empreendimentos solidários, 2019	30
Gráfico 4 – Motivos para participar do grupo de economia solidária, 2019	34
Gráfico 5 – Comercialização dos produtos/ serviços nos empreendimentos solidários, 2019.	38
Gráfico 6 – Distribuição de algum preconceito sofrido por questão de gênero por essas mulheres que estão nesses empreendimentos solidários, 2019.	43
Gráfico 7 – Distribuição em relação a inferioridade por questões de gênero nas relações de trabalho da mulheres em empreendimentos solidários, 2019.	44

LISTA DE ABREVIATURA DE SIGLAS

EES – Empreendimentos Econômicos Solidários
ES – Economia Solidária
FBES – Fórum Brasileiro de Economia Solidária
IBGE - Instituto Brasileiro Geográfico de Estatística
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário
MST – Movimento Sem Terra
MTE – Ministério do Trabalho e Emprego
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios
RAIS – Relação Anual de Informações Sociais
RIPESS – Rede Internacional de Promoção da Economia Social e Solidária
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAES – Secretária Nacional de Economia Solidária

SIES – Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária

Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
1 OBJETIVOS.....	4
1.1 OBJETIVO GERAL.....	4
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	5
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	6
2.1 Economia solidária: uma breve análise histórica no Brasil e a definição conceitual .	6
2.2 Economia solidária como uma forma de organização econômica	11
2.3 As circunstâncias do papel feminino na dinâmica da economia solidária	13
3 METODOLOGIA	16
4 DISCUSSÃO E RESULTADOS.....	22
4.1 Perfil socioeconômico	22
4.2 Perfil Educacional.....	27
4.3 Conhecimento de Economia solidária	28
5 CONCLUSÃO.....	45
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

INTRODUÇÃO

Diante um cenário de crescimento do sistema capitalista são nítidas as modificações na vida social, principalmente nas relações de trabalho. Os princípios do capitalismo pressupõem que os trabalhadores mais eficientes tanto em habilidades intelectuais como técnicas se sobressaíam nas estruturas de trabalho, de modo que, aqueles que não estão nessas condições impostas, são excluídos desse sistema causando uma intensificação maior nas desigualdades sociais.

Há alguns elementos capazes de modificar as relações de trabalho, como a globalização, onde se evidencia uma evolução tecnológica, de forma que a flexibilização dos processos produtivos têm levado a mais competitividade entre os trabalhadores modificando o cenário das relações de trabalho. Assim, a globalização fomenta uma reestruturação produtiva intensa, acentuando as diferenças e acelerando o processo de exclusão social, sendo consequência desses fatores na vida do indivíduo.

Dentre essas circunstâncias, tem destaque o papel do trabalho feminino no campo dessas modificações, tanto em aspectos políticos como socioeconômicos e também culturais. A inserção feminina nas relações de trabalho é alvo de diversas problemáticas tanto em relação à natureza social, mas também da desigualdade de gênero nessas relações. A precarização do trabalho, a centralização de poder do sistema capitalista, a intensidade dessa desigualdade social e de gênero estimulam iniciativas por parte dos trabalhadores, como movimentos de cooperativas, associações solidárias entre outros, que se propõem a destacar a economia solidária como uma resposta as modificações na vida social concentrando-se nas relações de trabalho.

A economia solidária foi desenvolvida em meio a cenários de crises econômicas e como alternativa para superação das desigualdades sociais geradas na economia de mercado. Buscando diminuir a exclusão de classes menos favorecidas pelo sistema capitalista, a economia solidária propõe uma mudança de percepção de solidariedade e práticas nas relações de trabalho e atividades econômicas.

No Brasil, as primeiras experiências identificadas surgiram nos anos 1980, embora possamos traçar um caminho bem mais longo ao considerar as cooperativas e outras experiências coletivas e solidárias. Mas o termo como conhecemos só foi cunhado a partir da década de 1990, impulsionado por crise econômica, veio como uma alternativa de superar a

pobreza e construir uma sociedade mais igualitária. O termo Economia Solidária (ES) ¹surgiu pela primeira vez no Brasil em 1996, em um artigo de Paul Singer publicado no Jornal Folha de São Paulo, intitulado: “Economia solidária contra o desemprego”²

Para demonstrar a abrangência dessa prática, foi realizado um mapeamento das iniciativas e divulgado no Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (SIES)³ em 2013. Verificou-se que havia no Brasil aproximadamente 19.708 empreendimentos econômicos solidários⁴ (EES), composto por 803.373 homens e 620.258 mulheres.

O Nordeste brasileiro se destaca por ser rico em experiências associativas ao ser comparado com outras regiões. Observa-se que no Nordeste há uma forte presença de empreendimentos solidários, com 8.040 unidades. Em seguida temos a região Sul, com 3.228, Sudeste com 3.922, Norte com 3.128 e por último, o Centro-Oeste com 2.021 do total. (MTE, 2013). Essa articulação, no Nordeste, tem o intuito de fortalecer esses empreendedores.

Nesse contexto, surgem empreendimentos solidários com características de organizações que podem ser tanto rurais como urbanas, de consumidor ou de produtores e também de crédito, baseadas no trabalho cooperativo, com tomadas de decisão democrática e focadas na autogestão.

Logo, o trabalho é o elemento central na ES. Singer (2007) destaca que o trabalho é uma forma de aprendizagem, crescimento e amadurecimento, desse modo a ES apresenta princípios que objetivam essa igualdade nas condições e oportunidades de trabalho e de vida. Mesmo com mecanismos estatais para a redistribuição dessa renda e a realização de políticas que propiciem mais oportunidades, os empreendimentos solidários buscam promover dinâmicas que incentivem o coletivo e as interações entre grupos.

Os trabalhadores buscam nesses empreendimentos de autogestão, cooperativas e associações, isto é, tanto meios alternativos para geração de renda e trabalho quanto às oportunidades para mudar partes importantes do mercado, seja através de transformações nas formas de trabalho, produção, distribuição ou consumo. Nessa nova dinâmica percebe-se então, uma parcela significativa de mulheres com iniciativas que buscam promover outro caminho de produzir para viver.

¹ A partir de agora, no texto será utilizado a sigla ES para economia solidária

² Ver aqui: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/7/11/opiniaio/9.html>

³ Ver mais informações em: <http://sies.ecosol.org.br/atlas>

⁴ Empreendimentos Econômicos Solidários (EES): são aquelas organizações coletivas, como: associações, cooperativas, grupos de produção, clubes de trocas, redes entre outros, que disponham ou não de registro legal, prevalecendo a existência real e que realizam atividades econômicas de produção de bens, de prestação de serviços, de fundos de crédito, de comercialização e de consumo solidário.

Ao adotarem como estratégia o trabalho coletivo, essas mulheres podem não ter essa pretensão específica, mas suas iniciativas e práticas são uma resposta diante da necessidade de proteger-se contra o desemprego e a pobreza provocados por um sistema econômico que faz com que diminua sua renda e seja reduzida a oferta de trabalho, inclusive devido a aspectos vinculados à sua condição de gênero, classe, etnia ou mesmo até mesmo regionalidade.

É evidente a desigualdade social e também de gênero entre homens e mulheres. Se levarmos em consideração essa desigualdade como parte de um processo estrutural dentro do sistema capitalista, veremos que se acentua mais ainda essa configuração de gênero na diferença entre os seus papéis sociais, onde o papel da mulher é desmerecido em várias dimensões, incluindo o trabalho (GUÉRIN, 2005).

O tema desse estudo aborda a realidade de mulheres que estão inseridas na economia solidária com intuito de uma construção de relações socioeconômicas de forma solidária. A construção dessa nova economia fundamenta-se na transformação da organização social e econômica, caracterizadas por autogestão, consumo e solidariedade. A ES consegue dar conta da realidade da mulher na sua diversidade, no respeito às diferenças e na autonomia que a mesma vai conquistando nesse espaço, seja no grupo produtivo ou no processo de trabalho.

A participação expressiva dessas mulheres possibilitam o reconhecimento e valorização de suas atividades e características. As atividades são de trabalho solidário e coletivo, atividades produtoras de renda em empreendimentos com autogestão e cooperativismo, com forte presença da figura feminina. Essa expressividade colabora para a desconstrução de uma ideia social de que há superioridade da figura masculina em relação às atividades geradoras de renda.

Trazemos para a discussão a importância da mulher nessa outra forma de economia e dinâmica social. Desse modo, sentindo-se motivadas e impulsionadas à construção uma nova realidade, uma nova história do trabalho de forma geral, seja no artesanato ou na agricultura familiar, isto é, tem mostrado que é um campo importante de atuação das mulheres para sua emancipação, reconhecimento e de organização.

O trabalho tem como objetivo realizar um estudo de caso com as mulheres que participam da Associação Marias Artesãs no município de Serra Talhada e o grupo de mulheres girassol no sítio santo Antônio de Coroas, no município de Triunfo, caracterizando a influência da ES na vida e trabalho dessas mulheres, analisando os aspectos históricos e

sociais da presença delas nesse setor e também verificando a influência socioeconômica e política ao atuarem nesses grupos.

Relações de gênero são construções sociais, culturais e políticas, onde o produto desse processo social é dado em todos os espaços. A existência da divisão sexual do trabalho persiste de diversas formas, principalmente quando se trata dos espaços onde há opressão, onde a mulher é vista apenas como cuidadora do lar e da família. Ao passo que a mulher se insere nos espaços de ES, onde a mesma discute e reflete e faz enfrentamentos sociais, inclusive dentro da própria família, iniciando um processo de rompimento das opressões.

Evidenciamos que o setor da ES inclui as mulheres no trabalho e ao mesmo tempo dá a condição de exercer outras funções, como ser mãe, tempo para estudar onde em outro setor talvez a mesma mulher não tivesse essa mesma oportunidade. Partindo de um contexto histórico, onde se tinha a cultura de que a mulher era vista apenas para cuidar do lar e da família, sua autonomia era quase impossível.

Apesar da perpetuação estrutural, social e econômica desigual, a ES vem sendo uma possibilidade de ascensão socioeconômica para as mulheres. Os projetos e organizações que visem o empoderamento de gênero tem sido desafiador para ES. Em vista que, a história da distribuição do trabalho esteve voltada a uma perspectiva masculina e a precarização do trabalho feminino onde estrutura patriarcal reserva as mulheres tarefas do trabalho doméstico e feminino.

A escolha do tema ES em Serra Talhada-PE e Triunfo-PE se justifica para entender este movimento no município, movimento este que dá oportunidade, pois não reproduz a desigualdade, tendo em vista que questão não unicamente a oportunidade, mas sim a equidade na distribuição do trabalho. E também entender como funcionam esses grupos de mulheres e os tipos de ações e as dificuldades enfrentadas, seja por questão de distribuição de trabalho ou por desigualdade de gênero.

1 OBJETIVOS

1.1 OBJETIVO GERAL

Identificar a influência socioeconômica da economia solidária na vida e trabalho das mulheres de Serra Talhada-PE e Triunfo-PE.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar os aspectos históricos e sociais da presença da economia solidária em Serra Talhada e Triunfo.
- Descrever a ocorrência da entrada de mulheres de Serra Talhada e Triunfo na economia solidária;
- Verificar a influência socioeconômica e política das mulheres que atuam em grupos de economia solidária;
- Apontar as desigualdades de gênero (homens e mulheres) nas relações de trabalho em Serra Talhada.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para que se tenha alguma mudança nas condições de vida econômica, social e política são necessárias políticas capazes de fortalecer a redistribuição de renda e a democratização das oportunidades. A ES é uma estratégia importante nesse processo de desenvolvimento.

O Brasil tem raízes históricas que estão relacionadas a lutas dos trabalhadores organizados em outras formas de produzir, de viver, com ocorrências em várias regiões e territórios, com diferentes produtos e processos de organização evidenciados em diversos estudos acadêmicos e técnicos, inclusive um atlas, o Sistema de Informações em Economia Solidária (SIES).

Para o desenvolvimento dessa pesquisa sobre ES e emancipação das mulheres foi necessário compreender o histórico da ES no Brasil e como estão inseridas nesse movimento.

2.1 Economia solidária: uma breve análise histórica no Brasil e a definição conceitual

Nesta seção será abordado o surgimento da economia solidária e como se deu essa trajetória no Brasil por meio das plenárias nacionais nos anos de 2002 a 2012, através da articulação de diversos atores da economia solidária.

A ES é uma nova forma de economia que já existia há muito tempo, são vários tipos de experiências onde pessoas associadas entre si administram seus negócios em todas as etapas. São atividades econômicas diversificadas que vão se basear no trabalho coletivo, na autogestão e na sustentabilidade.

Os empreendimentos de ES não são iniciativas isoladas, pelo contrário, tem se organizado em fóruns e redes em níveis municipal, estadual, regional e nacional formando assim, vários movimentos populares em que ocorrem amplos debates e onde são construídas as plataformas de ações e os princípios comuns.

Considerado um dos mais influentes no debate sobre ES no Brasil, Singer diz que:

A economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual (SINGER: 2002a, p. 10).

Em 1981, com o endividamento no regime militar ⁵, o Brasil teve que fazer uma política de ajuste fiscal com o intuito de aguentar essa dívida externa e pagar aos poucos. Esse ajuste fiscal ocasionou a perda de empregos industriais no Brasil, então diante desse cenário o papel chave da Cáritas Brasileira⁶ que estavam organizando os empregados em cooperativas, chamados de pequenos projetos comunitários. Esses projetos eram de política forte da igreja e com esse dinheiro é financiado um número significativo de cooperativas.

De acordo com Singer (2002), esse era o caminho para o socialismo democrático, já que as cooperativas são basicamente democráticas. A recuperação das fábricas e estatização sob controle operário. O sindicato estimula os trabalhadores a formarem uma cooperativa e com isso, impedir o fechamento das fábricas.

Os caminhos são paralelos entre a ES e a economia capitalista, onde uma visa interações familiares, cada um sendo dono do seu próprio negócio, tendo espaço para dar sua opinião, para debater e juntos verem a melhor forma. Por outro lado, bem distinto, temos a economia capitalista, onde o cenário é de competitividade e do uso crescente de capital fixo.

A economia capitalista para Singer é vista como um ambiente onde quem tem mais poder vai sempre ter vantagem em quem tem menos, gerando assim um ambiente mais desumano. Por sua vez, a ES procura criar uma sociedade mais igualitária e com mais liberdade, onde ninguém manda em ninguém, mas juntos tomam decisões.

Diante dessas descrições, trazendo para abordagens brasileiras temos que a partir dos anos 80 a ES se articula no Brasil, a preocupação era o aumento de empregos e direitos sociais, iniciou-se uma crise muito forte de emprego, exclusão social e nesse processo há uma articulação de experiências que vem diferente dos movimentos populares.

Nesse contexto, o que tinha espaço não era só a luta pela democratização no Brasil, mas também garantir formas de vida. Então, a partir dessas experiências são iniciados os projetos alternativos comunitários, das lutas pela reforma agrária, observando que, ainda que

⁵ Endividamento no regime militar foi o momento que o Brasil afetado pela crise financeira que iniciou nos EUA e se propagou pelo mundo. O impacto foi assumido em forma de crise de endividamento externo e em consequência houve queda na atividade econômica e no gasto público e também exclusão social e desemprego.

⁶ A Cáritas Brasileira foi criada em 1956 pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). No início, foi incumbida de articular todas as obras sociais católicas e assumir a distribuição do Programa de Alimentos para a Paz subsidiado pelo governo estadunidense como um dos eixos de uma ação maior chamada “Programa Aliança para o Progresso”, implementada após a Segunda Guerra Mundial. Integra uma ampla rede de entidades de apoio e fomento aos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES), que promove um conjunto de iniciativas, com recursos públicos e privados, no propósito de ampliar a capacitação, a articulação e o empoderamento desses empreendimentos, para que assumam a cena política e desenvolvam ações de incidência nas políticas públicas. Ver mais informações em: <http://caritas.org.br/>

não se fale em ES, já tínhamos experiências de geração de trabalho e renda que foram processos importantes a partir das organizações das comunidades do Brasil.

O início da expansão, de forma mais estruturada foi a partir dos anos 90, situação no qual a exclusão e os processos dos anos 80 se aprofundam, isto é, um contexto neoliberal. A situação é de aumento do desemprego, então não só atinge o pleno emprego, como quem está empregado perde o seu emprego também e dessa maneira, o processo das organizações que vinham dos anos 80 dando início as articulações, reconhecimento e identificação em torno do nome de ES.

Os anos 2000 foi o momento da ampliação significativa da ES, a partir dos processos da articulação de atores sociais diversos, que é desde as universidades, MST, igrejas, Organizações Não Governamentais que se unem e se articulam. Em 2001, foi o momento do fórum social mundial, em Porto Alegre. O fórum permitia que esses atores se encontrassem e discutissem para colocar em pauta e refletir sobre esse projeto. Já que não se tratava de experiências isoladas, mas de um projeto e de uma proposta para outro modelo de desenvolvimento.

Em 2002, por conta das eleições do presidente Luís Inácio Lula da Silva houve um aceleração desse modelo, pois nesse momento se teve uma articulação dos atores para que a pauta da ES fosse incluída no governo, momento marcado como a I plenária, o pedido para a criação de uma política de ES. Posteriormente, em 2003 foi criada a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES)⁷ e o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES)⁸ que foram os pilares do processo de ampliação da ES.

A articulação dos atores e a política pública são os dois espaços importantes, onde do ponto de vista dos atores temos o FBES que tem as plenárias de ES com suas resoluções para um momento importante. As plenárias Nacionais são a instância máxima de decisão tomada após a análise do FBES dando orientações tanto para coordenação nacional, executiva e também fóruns estaduais.

Nessas discussões há um processo de preparação que vai desde discussões de empreendimentos nos municípios e nos estados até chegar num debate nacional, observando as possibilidades e rumos a serem seguidos e quais desafios teriam que enfrentar.

⁷ Em 2003 foi o momento de fase crescente da Economia solidária, criado pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva. De acordo com a missão do Ministério do Trabalho e Emprego, tem o objetivo de tornar possível e organizar a atividade de apoio à economia solidária em todo território nacional.

⁸ É um instrumento do movimento da economia solidária e espaço de articulação e diálogo entre diversos atores, diversas atrizes e movimentos sociais pela construção da economia solidária.

Diante disso, em 2002 acontece a I Plenária Nacional com participação de 200 pessoas de diversos locais do país marcada devido o pedido dos atores para o governo para criação de uma política de ES e estabelece também um marco dos principais eixos, como crédito, produção, organização social, comercialização e consumo, dando início a um passo importante na elaboração de condutas e argumentos que contribuíssem com a ES no Brasil.

Com o aval dos participantes da I Plenária encaminhou-se uma carta ao governo atual, do presidente Luís Inácio Lula da Silva na qual descrevia a ES como uma estratégia de desenvolvimento e política e também reivindicando que houvesse a criação da Secretária Nacional de Economia Solidária dentro do Ministério do Trabalho.

No ano de 2003, houve a II Plenária Nacional em São Paulo contando com a presença de aproximadamente 800 pessoas, incluindo representante da ES internacional, onde a articulação dada a esse processo uma vez iniciado no novo governo consolidando os atores da ES no Brasil.

A III Plenária Nacional aconteceu em junho de 2003, contando com a participação de 900 pessoas em São Paulo, onde era definida uma estrutura para o Fórum brasileiro, integrado por três seguimentos: empreendimentos, organizações ou identidades de apoio e fomento e gestores públicos e define também uma série de linhas para a interlocução com o governo, que nesse caso será com a SENAES.

Após isso, se tem a necessidade de fazer um primeiro encontro nacional dos empreendimentos de ES, tem-se a preocupação em dar protagonismo aos empreendimentos, até então quem se articulava fundamentalmente eram as entidades e há necessidade dos empreendimentos para esse protagonismo.

A SENAES passa a ser uma secretária dentro Ministério do Trabalho e Emprego que se articula com diferentes ministérios que tenha também políticas de economia solidária. Então, a SENAES articula-se em expandir em diversas áreas como cultura, na ciência e tecnologia, na pesca, no ministério de desenvolvimento social que também vão desenvolver projetos de economia solidária.

Nessa III Plenária o intuito era de articular as bases da Economia solidária mundo a fora, iniciou-se o processo de interlocução entre o FBES e o SENAES com objetivo de unir interesses socioeconômicos e políticos fora do país, por meio disso foram criados fóruns estaduais e regionais e isso garantiu o I Encontro de Empreendimentos de Economia Solidária

com trabalhadores de todos os Estados que ocorreu em 2004, contando com a participação de aproximadamente 2500 pessoas.

Com a ampliação da integração regional e estadual, em 2006 realizou-se a I Conferência Nacional, em Brasília onde foi discutidas propostas de políticas públicas para a economia solidária e só em março de 2008 houve IV Plenária Nacional, que tinha como desafio o avanço na interiorização desses fóruns e na consolidação de todo esse processo, ocorreu no estado de Goiás com participação de 400 pessoas que teve como papel fundamental fazer essa discussão e reorganizar o fórum para os desafios do momento.

Só em 2012 retorna-se a discussão, na V Plenária Nacional focando na ampliação de Fóruns brasileiros, onde em 2002 apenas cinco estados possuíam fóruns de ES, entre eles Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Pernambuco, Ceará e São Paulo. Já em 2003, 17 estados fizeram plenárias estaduais para a constituição do FBES. Em 2006, já temos nos 27 estados do país e isso requer um processo de organização.

Por outro lado, existe o processo de internacionalização que foi a criação da Rede Internacional de Promoção da Economia Social e Solidária (RIPESS) da qual o fórum brasileiro faz parte, o fórum que é o grande articulador do movimento da ES, considerado como o instrumento da ES e tem três seguimentos que são: os empreendimentos, as entidades de apoio e a rede de gestores públicos.

Da mesma maneira que nos fóruns há um processo de debate e as grandes plenárias para fazer a discussão. O que temos de instrumento para no caso das políticas públicas são as conferências nacionais que reúnem diferentes atores e o governo, de forma institucional são espaços para a definição de políticas públicas.

Posteriormente, temos a II conferência nacional que foi em 2010, que vai ser pelo direito de produzir e viver em cooperação e de maneira sustentável, um momento de avaliação e de revisão das necessidades para avançar. Já a III conferência nacional, aconteceu em novembro de 2014 que teve como título; construindo um plano nacional de ES para promover o direito de produzir e viverem a cooperação de maneira sustentável, ou seja, há uma continuidade e um entendimento de que é necessário passar a construir os planos nacionais para efetivar, pois não adianta ter as diretrizes gerais se não se construir, então é feito discussões de planos de ES estaduais, municipais sobre como avançar e implementar para se tornar efetiva a ES no Brasil. Esses foram os grandes momentos das políticas públicas.

Após isso, no ano de 2016 foram mudados os rumos e as prioridades do governo, onde houve o golpe e nesse processo se vivencia uma grande mudança do que era esse processo de articulação entre o movimento de ES nas políticas públicas sendo inclusive a SENAES sendo reduzida em condição de secretária. A ES tem como desafio dar uma continuidade na construção e avançar na articulação com movimentos sociais no novo contexto social, econômico e político no qual o Brasil vive.

2.2 Economia solidária como uma forma de organização econômica

A ES é vista como uma prática de organização do trabalho, da produção da comercialização até o consumo, onde não se tem a exploração de um homem por outro e também não se explore a natureza de maneira irresponsável. Vários autores tem uma forma de ver a ES. Para Gaiger (2004), a ES pode ser entendida como uma atividade que busca ressaltar discussões e debates públicos de contestação das classes menos favorecidas, sendo constituída como uma ação coletiva que atua no cenário político da América Latina.

A natureza da ES pode ser caracterizada da seguinte forma, como aponta França Filho e Laville (2004) não se define como irrelevante a outras economias, conforme seu esforço socioeconômico e político, submetidos nesse movimento; a liberdade institucional, com sua relação direta com a capacidade de administrar; a acessibilidade dos processos decisórios e o seu intuito de múltiplas dimensões que depende da junção política do movimento de ES.

A ES busca a inclusão de todos, não apenas na busca de geração de renda, mas buscando uma nova estrutura de sociedade, onde todos são componentes de importância desse sistema, sem distinção e sem marcadores de desigualdades como no sistema capitalista.

Como as desigualdades são estruturas e as estruturas são dependentes e possuem ligação entre si, então podemos afirmar que não há desigualdade de gênero separada da condição de classe ou condição social. Diante dos marcadores, podemos dizer que a desigualdade de classe social é dada pela estrutura capitalista, a raça que é dada pela identidade social construída.

Relacionando os marcadores ao sistema capitalista que produz a diferença de classe social, onde se divide da seguinte forma; para produzir quem tem mais e donos de meios de produção e quem tem menos, precisa trabalhar e só tem o seu trabalho para viver. O

capitalismo organiza as relações de trabalho e os valores do trabalho produtivo e as hierarquias de colocar preços em todas as coisas.

Por Carrasco (1998) o sistema patriarcal é o sistema que trabalha com a ideia de dominância das mulheres e também do gênero feminino, esse sistema é colocado para controlar o trabalho, o corpo e a vida das mulheres, desse modo, o sistema patriarcal tem ligação direta com o sistema capitalista, pois controlam o trabalho. Ainda dentro do sistema capitalista ligado ao sistema patriarcal temos a divisão sexual do trabalho. O patriarcado organiza essa dominação das mulheres e do gênero feminino.

Esse controle imposto pelo sistema não é individual, como por exemplo, o dos homens sobre as mulheres, existe sim um controle individual, porém a base do controle social é coletiva através de leis, cultura, através de todo sistema que está organizado para que as mulheres tenha um lugar de subjugação onde, as mesmas são dominadas por algum representante do patriarcado, patriarcado esse que separa entre dois mundos, o mundo público que é o mundo da masculinidade dos homens e o mundo privado que é o das mulheres.

Consequentemente, o trabalho produtivo que é o mais valorizado pertence ao mundo público e o mundo privado fica com o trabalho reprodutivo que não é tão valorizado assim, essa valorização pode ser constada na quantidade de horas que as mulheres trabalham a mais e os salários recebidos. Quanto maior o cargo na hierarquia social, quanto mais intelectual ou bem valorizado no sistema capitalista for o trabalho das mulheres mais diferenças salariais elas terão dos homens.

O entendimento das condições impostas pelo sistema capitalista busca reverter estruturas que estão enraizadas na sociedade, essas estruturas mostram resistência ao tentarem ser revertidas, não são simples, pois dependem de diversos fatores, mas que precisam serem identificadas e trabalhadas, para que assim se tenha a possibilidade de questionamentos com o intuito de todos terem uma visão dos feitos do sistema capitalista.

A ES surge como uma forma diferente do capitalismo, onde busca integrar todos ao sistema, principalmente aqueles que por motivos de gênero e classe social não se “encaixam” no sistema capitalista onde está mais propensa a pobreza, estão expostos a empregos precários, salários baixos, péssimas condições de vida. A ES se baseia no trabalho coletivo, na igualdade entre todos os membros, desde a divisão de poderes como na distribuição de renda, a doutrina democrática e a homogeneidade são os mecanismos desse sistema.

Para Guerín (2005), é defendida a ideia de que a ES é a resposta de um sistema no qual nos impõe certas preocupações que vão desde a disparidade nos contextos sociais, econômicos, culturais e políticos e que devem ser pensados e analisados de forma conjunta.

O objetivo da ES é ter uma sociedade mais igualitária, procurando uma articulação onde todos tenham uma vida mais justa, condições para que tenham seus direitos respeitados e que se tenha um elo com os princípios de integridade. E que nesse sistema econômico os ganhos não sejam uma perda de dignidade humana, uma exploração de mão de obra e de ser excluído socialmente, desse modo, a ES é vista como uma alternativa na superação dessas diferenças sociais.

2.3 As circunstâncias do papel feminino na dinâmica da economia solidária

A ES tem sua importância na emancipação e empoderamento das mulheres, o conceito de empoderamento⁹ surgiu nos Estados Unidos por volta dos anos 70 com os movimentos de direitos civis como forma de conquista de cidadania. A tomada de decisões coletivas e de mudanças individuais fundamentais para o e empoderamento dessas mulheres.

Para Stromquist (2002) o empoderamento busca promover a tomada de decisão, a capacidade de desenvolver habilidades para pensar criticamente, isto é, a ampliação da sua visão; construir sua autoimagem e ter confiança nela, determinar suas ações e construir coesão de grupo.

O empoderamento feminino é um processo que ao longo da história tem permitido as mulheres conduzirem mudanças que têm a capacidade de vencer as desigualdades que a colocam em condições menos privilegiadas no mundo, exatamente por causa da condição de gênero, onde não basta à existência de leis que protejam a mulher contra a discriminação e a violência que permitam a mulher a buscar o equilíbrio de manter em ordem a vida doméstica e ter o seu espaço nas relações de trabalho fora de casa.

Segundo Melo (2018) A inserção das mulheres no mercado de trabalho vai depender de uma conciliação entre dona do lar e o trabalho fora de suas casas, então percebemos que as tarefas domésticas sempre vem antes de qualquer outra ocupação.

⁹ É o mecanismo pelo qual as pessoas, as organizações e as comunidades tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu próprio destino, tomam consciência de sua habilidade e competência para produzir, criar e gerir.

Para Deere e León (2002), a mulher empoderada desafia a relação familiar patriarcal. O empoderamento promove tanto a integração de comunidades excluídas como dar a possibilidade de perceber um novo sentido ao trabalho e a sua ocupação perante a sociedade, expandindo visões para que desenvolvam compreensões de ações que levem à sua autonomia. As relações de gêneros são construções socioculturais, isto é, um produto de um processo social que é dado em todas as esferas, espaços e instancias e que vai existir de várias formas, principalmente em espaços onde há opressões.

Para Nogueira (2004), a igualdade salarial entre mulheres e homens não existe em nenhuma parte. As mulheres têm salários significativamente menores que os homens. Diante disso, a persistência da divisão sexual até mesmo em lugares de capitalismo avançado. Conforme uma pesquisa feita pelo IBGE, com dados coletados pela PNAD Contínua 2018, as mulheres ainda ganham, em média, 20,5% a menos do que os homens no Brasil, ainda que tenham o mesmo grau de instrução. Os dados que se referem ao quarto semestre de 2018 onde consideram pessoas de 25 a 49 anos mostrando que há uma disparidade salarial entre os gêneros. Os rendimentos médios dos homens foram de R\$ 2.579 e os das mulheres de R\$ 2.050.

Corroborando com os dados, a RAIS (2017) mostrou que as mulheres recebam menos que os homens, mas não devido ao grau de instrução já que a maioria dessas mulheres possuem ensino superior completo ao entrarem no mercado de trabalho, com representatividade de 58,9% dos profissionais empregados com o ensino superior completo. Considerando que das mulheres empregadas 29,7% tinham ensino superior e os homens contavam com o percentual de 16,3%.

León (2001) faz referência ao empoderamento como uma conquista da classe feminina. A partir do momento em que a mulher se insere nos espaços de ES, onde conta com espaço para discussões, reflexões e enfrentamentos sociais, inclusive dentro da própria família, iniciando um processo de rompimento do abuso de poder.

Diante disso, a ES pode ser vista também como uma forma de se encontrar socialmente e minimizar a carga de vida de cada mulher envolvida. Dentro do trabalho solidário essas mulheres encontram uma maneira de luta por políticas efetivas para as mesmas e também o fortalecimento da ES nesses espaços, onde percebem que em grupo são mais

fortes e tem facilidades em certas coisas, como o crédito onde pode ser um dos meios para a sua emancipação.

Na ES, a troca de experiências entre as mulheres possibilitam o empoderamento e o seu reconhecimento enquanto mulher e seu papel na sociedade. O empoderamento feminino vem ganhando ressignificação na sociedade, simultaneamente, é um processo na qual permite executar o seu protagonismo político no sentido de se sentirem com direitos e aptidões de atuarem em suas vidas, especialmente as mulheres.

É necessário, de um ponto de vista político na criação de todo um contexto social que possibilite o exercício dessa cidadania e direito, sem articulação dessas duas dimensões de um movimento de construção da possibilidade de exercício do direito, mas da convicção de que as pessoas podem e devem exercer seu direito, não adianta política pública que se pense em empoderamento no mercado de trabalho deslocado numa mudança nas relações de poder no seio da família.

Não basta que as mulheres entrem no mercado de trabalho ou passem a ter mais poder dentro de casa e até um nível de remuneração melhor se não houver uma divisão da esfera privada.

3 METODOLOGIA

O desenvolvimento da pesquisa envolve avaliar as condições de vida das mulheres que participam da ES na Associação Marias Artesãs, do município de Serra Talhada e do grupo de mulheres girassol no Sítio Santo Antônio de Coroas em Triunfo. O motivo o qual os empreendimentos foram escolhidos foi por contarem com a participação de mulheres, onde tanto a Associação Marias Artesãs como o grupo de mulheres girassol é composto apenas por mulheres e dessa forma buscar entender como é esse meio para elas e sua representatividade.

Foram entrevistadas um total de 15 mulheres, onde 9 mulheres são da Associação Marias Artesãs e 6 mulheres do grupo mulheres girassol o questionário contava com questões fechadas e com questões abertas também que com o consentimento das mesmas foram gravadas. As questões abertas foram feitas com duas participantes do grupo, as líderes. Nas questões abertas às entrevistadas tinham uma abertura para se tratar de mais detalhes, dando exemplos e vivências que aconteceram com as mesmas.

O estudo analisou mulheres em empreendimentos solidários identificando a influência da economia solidária na vida e trabalho das mulheres que fazem parte da Associação Marias Artesãs e do grupo de mulheres girassol no sítio Santo Antônio de Coroas. Buscando investigar os motivos de estarem nessa nova economia e como é refletido isso nas suas vidas.

O presente trabalho possui uma abordagem de caráter qualitativo e descritivo, isto é, é um estudo de caso¹⁰ de forma a compreender a relevância que tem a ES na vida de cada mulher envolvida. Segundo Gil (2002) a pesquisa com caráter qualitativo tem como objetivo expandir o tema que irá tratar por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, levando em consideração a literatura existente sobre o tema e os documentos que estão à disposição sendo utilizados de forma conexa.

Na pesquisa documental, foram utilizados documentos disponibilizados pelos órgãos locais, como a secretária da mulher. Segundo Gil (2002), a pesquisa documental é voltada para a análise de documentos que não recebeu ainda um tratamento analítico, sendo que “nesta categoria estão os documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas.”

¹⁰ O estudo de caso é uma das formas de se fazer pesquisa em ciências sociais, algumas maneiras de se realizar essa pesquisa são por meio de levantamentos, analisando informações em arquivos entre outros.

No decorrer da pesquisa foram utilizados levantamentos em fontes bibliográficas e documentais, utilizando dados para saber como é a relação da mulher na ES na cidade de Serra Talhada. De acordo com Gil (2002), a pesquisa bibliográfica se desenvolve com base em materiais já foram publicados, isto é, livros, revistas e artigos. E mediante isso realizar um levantamento teórico e conceitual.

Na metodologia adotada também foi feito um estudo de caso, ou seja, uma peculiaridade da pesquisa que se constitui num estudo permitindo conhecimentos detalhados, deste modo, relatando um cenário onde se é necessários ter um apuramento de fatos (GIL, 2008). Buscou-se compreender, as mulheres por meio de entrevistas e conversas abertas.

Dessa forma, a pesquisa com as mulheres que participam da ES na associação Marias Artesãs e no grupo mulheres girassol do no sítio Santo Antônio de Coroas foi desenvolvida com a aplicação de um questionário com questões socioeconômicas e de conhecimentos sobre a ES para cada mulher participante.

E também entrevistas semiestruturadas. Para Flick (2013) Contrastando com os questionários, com as pesquisas semiestruturadas consegue obter visões individuais de cada entrevistado, dando a possibilidade de falarem de forma livre e extensiva. Além do questionário aplicado, também foram feitas observações pelo pesquisador e coleta de depoimentos dados de forma espontânea sobre como é a sua vida participando dessa nova forma de economia.

O questionário aplicado foi formulado com perguntas abertas e fechadas quanto: a) perfil socioeconômico, que abordou questões como ocupação, fontes de renda da entrevistada, condições de moradia entre outros; b) perfil educacional c) conhecimento da ES por meio de questões aberta e fechadas para que se tenha uma percepção da condição de vida dessas mulheres e também a questão do gênero nas relações de trabalho; d) roteiro de entrevista, onde foram feitas questões abertas para assim se ter uma interação de como é a vivencia nesses grupos, a mudança na entrada delas nesses grupos e como é a questão da desigualdade no trabalho já que o meio é exclusivamente feminino.

Dessa forma, foi realizada uma análise socioeconômica na vida dessas mulheres para entender as benesses de estarem no meio solidário e constatar quais as mudanças que essa nova economia trouxe para a vida das mesmas se de fato, com o meio solidário elas conseguiram sua autonomia e os motivos pelo qual estão inseridas nessa economia.

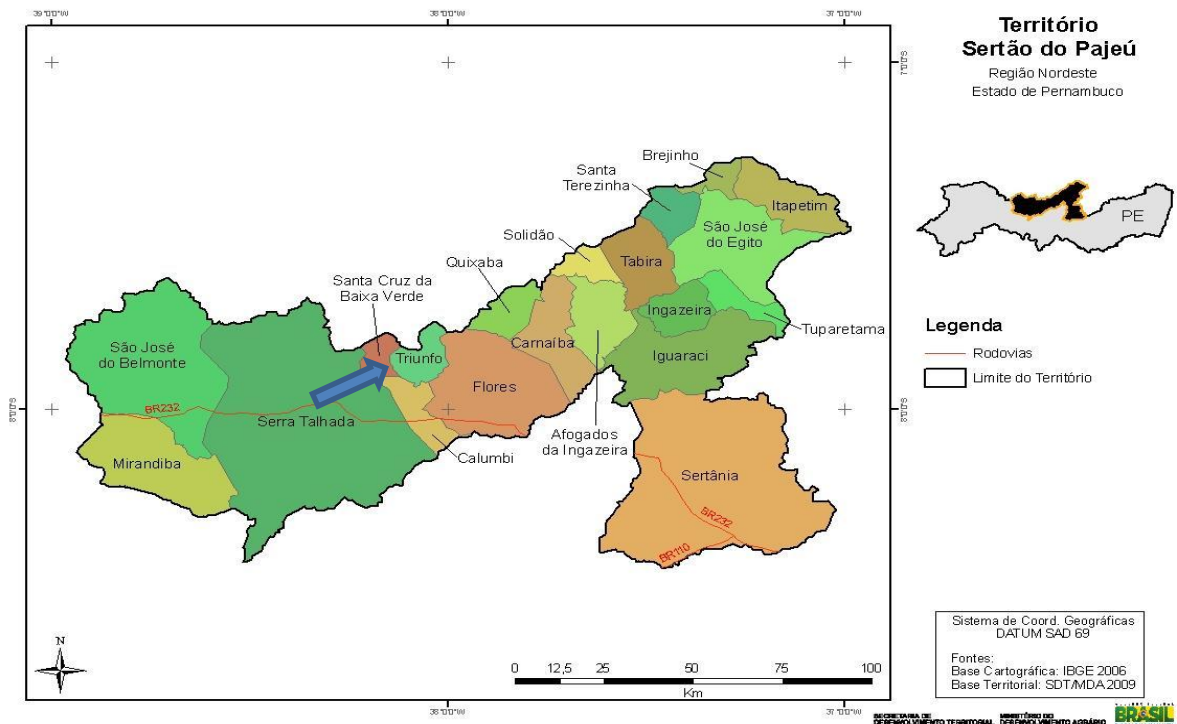
A metodologia dessa pesquisa indica o caminho percorrido no estudo e aponta as vias que foram alcançadas no objetivo do trabalho. A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Serra Talhada na Associação Marias Artesãs e o grupo mulheres girassol no sítio Santo Antônio de Coroas, localizado próximo a Triunfo. A comunidade Santo Antônio de coroas fica distante, 12 km do centro de Triunfo, ambos são situadas no Estado de Pernambuco.

A cidade de Serra Talhada está localizada a 415 km da capital de Pernambuco, Recife. É conhecida como a capital do xaxado, fundada em 6 de maio de 1851 com área de 2.980,01 km². Possui clima semiárido quente. É a segunda cidade que mais cresce no sertão pernambucano, ficando atrás apenas de Petrolina com o PIB per capita R\$ 14.554,90 em 2015, devido a sua infraestrutura urbana a sua posição é privilegiada, sendo um centro em pleno desenvolvimento na área de comércio, lazer e cultura.

A população estimada de 2018 segundo o IBGE é de 85.774 habitantes. Fazem parte do território municipal nove distritos Serra Talhada, Bernardo Vieira, Logradouro, Caiçarina da Penha, Luanda, Pajeú, Santa Rita, Tauapiranga e Varzinha. O sítio santo Antônio de Coroas que é localizado a 14 km de Triunfo, onde foi o local feito a outra parte da pesquisa. O tempo de percurso de carro do centro da cidade de Serra Talhada para a cidade de Triunfo é de aproximadamente 30 minutos.

A cidade de Triunfo conta com o diferencial das cidades circunvizinhas que é o clima, no qual contradiz a aridez do Sertão. O clima chuvoso a torna um ponto que atrai muitos turistas, localizada no Sertão do Pajeú, distante da Capital pernambucana aproximadamente 400 km. Está dentro de um brejo de altitude a mais de 1.200 metros, conhecida como o Oásis do sertão, fundada em 13 de junho de 1884. A população estimada de 2017 segundo o IBGE é de 15.221 habitantes. O PIB per capita R\$ 5.563,77 em 2015.

Figura 1 – Mapa do Sertão do Pajeú



Fonte: MDA

Figura 2 – Roteiro entre Serra Talhada – PE e Triunfo – PE e Triunfo – PE e o sítio Santo Antônio de Coroas, 2019.



Fonte: Elaboração própria. Google Maps

As associadas do grupo Marias Artesãs se reúnem no restaurante São Martins, que é localizado em Serra Talhada, no bairro Alto do bom Jesus que fica aproximadamente 22 minutos do centro da cidade.

Já as mulheres do grupo girassol que é localizado em Triunfo-PE se reúnem na casa de uma das participantes do grupo. O tempo de percurso de carro entre o centro de Serra Talhada para Triunfo é por volta de 35 minutos. O sítio Santo Antônio de Coroas fica a aproximadamente 52 minutos do centro de Triunfo, o menor percurso é feito pela cidade mesmo, mas também pode ser feito pela cidade de Santa Cruz da Baixa Verde.

A pesquisa em campo foi realizada por meio de aplicação de questionário, entrevistas semiestruturadas e conversas abertas para as entrevistadas se sentirem mais a vontade a falar sobre o assunto abordado, contou também com a roda de diálogo. A pesquisa iniciou-se com a Associação Marias Artesãs, onde primeiramente uma das líderes do grupo foi entrevistada em novembro de 2018 com o intuito de sabermos a rotina delas, como funciona a associação, onde elas se reúnem como é a questão do apoio dos órgãos, quantas mulheres participam o surgimento do grupo entre outras abordagens.

No mês de março, foi feito uma entrevista semiestruturada com as duas líderes do grupo para saber como funcionava a Associação e se sempre se reuniam e contar um pouco sobre a experiência das mesmas. Devido à dificuldade de encontrar todas as Marias Artesãs reunidas o questionário teve que ser aplicado em uma feira de artesanato organizada por elas, na quadra do bairro Bom Jesus, na cidade de Serra Talhada, no dia 10 de maio de 2019.

Nesse mesmo dia, fizemos uma roda de diálogo para aproveitar que todas estavam presentes, nessa roda de diálogo foram feitas perguntas abertas para entender o ponto de vista de cada uma sobre ES e entender mais sobre o impacto disso na vida delas. Foram abordados questões como a visão da família ao estarem inseridas nesse meio, as mudanças ocorridas após entrarem no grupo, entender como é a valorização e tentar coletar o máximo de informações.

O desenvolvimento da pesquisa do grupo de mulheres girassol, no sítio Santo Antônio de Coroas em Triunfo, a primeira etapa aconteceu no dia 16 de maio de 2019 aconteceu na casa da líder do grupo, onde as mesmas se reúnem todas as quintas-feiras, com uma conversa aberta com as participantes para saber um pouco da experiência de estarem naquele meio e tentar deixa-las mais a vontade possível para dessa forma entender a vivência de cada uma delas em grupo.

A segunda etapa da pesquisa aconteceu no dia 23 de maio de 2019, todas as participantes do grupo, um total de seis mulheres responderam o questionário proposto, já para as questões abertas apenas a líder do grupo respondeu. Após responderem o questionário, houve também uma roda de conversas onde foram feitas algumas perguntas e as mulheres entrevistadas foram dando suas opiniões e exemplos conforme a sua vivência. Na entrevista semiestruturada, foram feitas algumas questões para o grupo e dessa forma todas deram seus depoimentos expondo a realidade vivida, a conversa informal com perguntas abertas é d mais espaço e liberdade para as entrevistadas para tratarem de algo.

As abordagens adotadas na pesquisa favoreceram a coleta de informações, já que as mesmas no decorrer das entrevistas e roda de conversas relataram informações que foram relevantes no trabalho para entender mais detalhadamente sobre a ES na vida dessas mulheres, levantando questões que vão desde a desvalorização do trabalho nas suas próprias casas e também o fortalecimento e autodesenvolvimento de estarem nesse meio.

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Esta seção apresenta os resultados e discussão a partir das entrevistas semiestruturadas e questionários aplicados às mulheres que estão nos empreendimentos solidários que foram as Marias Artesãs de Serra Talhada – PE e mulheres girassol do sítio Santo Antônio de Coroas em Triunfo – PE.

A economia solidária para essas mulheres representam tanto a inclusão social como econômica, ao estarem inseridas na economia solidária dão um passo uma necessidade que é refletir sobre e abrir uma discussão para o papel da mulher, seja ele na esfera pública ou privada e contestar a condição dos homens. Com o intuito de entender a entrada delas na ES.

O motivo da maior parte das mulheres entrevistadas para estarem no meio solidário é que e o local onde permite que as mesmas tenham outra fonte de renda e podem fazer sua autogestão, de forma a serem dona do seu próprio negócio, gerando uma autonomia e confiança. Mas não se resume apenas na flexibilidade da sua jornada de trabalho que dá condição de exercer o seu papel de mãe, cuidadora do lar entre outras ocupações, essas mulheres são protagonistas desse meio solidário que é um espaço privilegiado permitindo a sua mudança na ação coletiva e isso acarretando no seu crescimento pessoal.

4.1 Perfil Socioeconômico

Apresenta-se a seguir o perfil socioeconômico resultante da pesquisa em campo e entrevistas semiestruturadas da Associação Marias Artesãs em Serra Talhada-PE que tem como forma de organização urbana e grupo mulheres girassol no sítio Santo Antônio de Coroas Triunfo-PE que tem como forma de organização rural, com um total de 15 mulheres que estão em empreendimentos solidários. A média de idade dessas mulheres é 47 anos, a mais nova tem 26 anos e a mais velha 67 anos. Na tabela a seguir mostra a distribuição dessas mulheres nesses empreendimentos solidários.

Tabela 1 - Distribuição de mulheres empreendedoras por associação e grupos produtivos, 2019

	Freq.	%
Associação (urbana)	9	60
Grupo (rural)	6	40

Fonte: Pesquisa de campo

Como visto na tabela 1, a distribuição é feita da seguinte forma 9 mulheres fazem parte da Associação Marias Artesãs em Serra Talhada-PE com um percentual de 60% e o grupo mulheres girassol do sítio Santo Antônio de Coroas em Triunfo-PE tem um total de 6 mulheres, com um percentual de 40%. O grupo mulheres do girassol contava com um número maior de mulheres, um total de 16 mulheres, mas devido à falta de valorização do trabalho e também a carência de locais para vender, muitas preferiram sair do grupo.

Joselita- “O nosso grupo tinha muitas pessoas, mas como não vamos sempre as feiras e quando vamos o povo não valoriza, foi desmotivando uma por uma, agora só ficou a gente.”

Givonete- “O grupo tinha muitas mulheres, mas algumas desistiram porque não estavam conseguindo tirar nem o que estavam tendo os gastos, aí fica difícil.”

Nos relatos vemos algumas das dificuldades enfrentadas por essas mulheres, a questão da desvalorização do trabalho ainda é uma das coisas mais intrigantes, levando a uma desmotivação e como consequência a saída das mesmas do grupo.

Tabela 2 – Estado civil das mulheres em empreendimentos solidários, 2019.

	Freq.	%
Solteira	4	25
Casada	6	37,5
Divorciada /separada	4	25
Viúva	1	6,25
Total	16	100

Fonte: Pesquisa de campo

Na tabela 3, podemos ver que a maior parte das mulheres nesses empreendimentos solidários são casadas, com um percentual de 40%, solteiras que correspondem a 25% e também 25% divorciadas ou separadas, apenas 6,25% é viúva, ou seja, mais da metade dessas mulheres estão em busca de autonomia, mais oportunidades e de conquistar seu espaço na sociedade

A maioria dessas mulheres moram com seus filhos e companheiros, ou seja, das 15 mulheres, 7 moram com seus companheiros e dessas sete, 3 com filhos e companheiros. 6 moram apenas com seus filhos e 2 moram sozinhas. Em relação à ocupação dessas mulheres, o artesanato para 9 delas é sua ocupação secundária, ou seja, entra como uma renda extra para essas mulheres. 6 delas tem o artesanato como ocupação principal e única, mantendo-se apenas com o dinheiro de suas confecções. O restante tem como ocupações principais, duas são domésticas, outras duas são autônomas, uma é agente de saúde, outra é vendedora e outra é empreendedora.

No decorrer da entrevista foi observado que todas as mulheres têm amor pelo que fazem e produzem, mas devido à questão da desvalorização na cidade elas necessitam ter outras ocupações para compor a renda. Apenas o artesanato não dá conta, ainda na entrevista apontam que quando tem a oportunidade de levar os artesanatos para fora das suas cidades, como exemplo em capitais além de conseguirem vender todos os itens, ainda são valorizadas por suas habilidades.

Maria Salete- “Se eu pudesse mesmo só trabalharia fazendo artesanato, criando as coisas, mas só com o artesanato a renda não é suficiente, daí a gente tem que arrumar outro meio”.

Maria Socorro- “Isso é meu lazer, eu gosto de fazer meus artesanatos, a mente fica mais leve, quando estou fazendo me realizo”.

Josefa - “Para confeccionar leva tempo, trabalho e aperfeiçoamento da gente, mas quando chegamos nas feiras muitas pessoas não olham para isso, acham caro e esquecem da nossa mão de obra”.

Quanto a renda dessas mulheres, considerando todas as atividades remuneradas dos membros que vivem na mesma residência, temos que a maior parte dessas mulheres ganham até um salário mínimo (R\$998,00), isto é, sete mulheres que estão nos empreendimentos solidários não chegam a ganhar nem um salário mínimo, com um percentual de 47%, seis

delas ganham de um a dois salário mínimo tendo um percentual de 40%, apenas duas ganham de dois a três salário mínimo.

De acordo com o Atlas Brasil (2013) renda per capita do município de Serra Talhada teve um crescimento de 123,79% nos anos 1991, 2000 e 2010 foi cerca de R\$ 182,02, R\$ 250,29, R\$407,34, respectivamente. Já em Triunfo a renda per capita de Triunfo cresceu 168,58% de 1991 à 2010 e sua renda per capita nessas duas décadas passaram de R\$ 145,00, para R\$ 225,18, e R\$ 389,44, nos anos de 1991, 2000 e 2010 respectivamente.

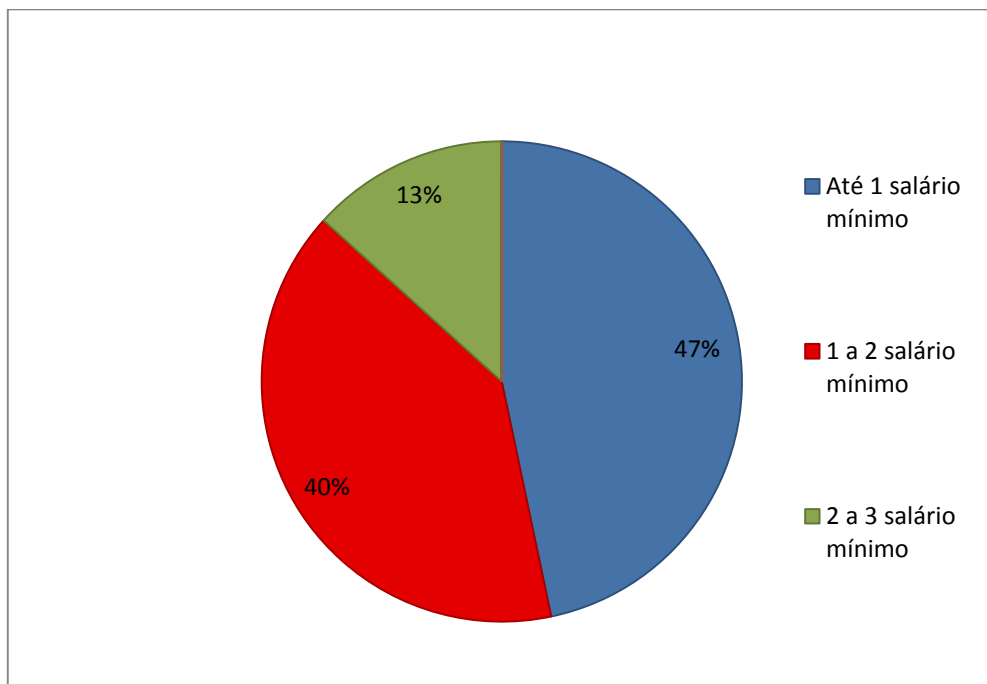
Tabela 3 – Renda perca capita dos municípios Serra Talhada e Triunfo

Renda per capita	Serra Talhada	Triunfo
1991	R\$ 182,02	R\$ 145,00
2000	R\$ 250,29	R\$ 225,18
2010	R\$ 407,34	R\$ 389,44

Fonte: Atlas Brasil (2013)

As mulheres que participaram da pesquisa ao declararem sua renda, observamos que a renda de três mulheres da Associação Marias Artesãs está abaixo do nível do ano de 2010 da população de Serra Talhada – PE e outras três mulheres do grupo mulheres girassol estão abaixo do nível de renda de 2010, da população de Triunfo- PE. No entanto estará acima do nível nacional de renda per capita de pessoas consideradas pobres que é uma renda per capita mensal de R\$140,00 no ano de 2010 (ATLAS BRASIL,2013)

Gráfico 1 – Renda das mulheres em empreendimentos solidários na cidade de Serra Talhada – PE e Triunfo – PE, 2019.



Fonte: Elaborado pelo autor. Resultado da pesquisa

Percebe-se pelo gráfico 1, que 47% das mulheres entrevistadas ganham até um salário mínimo, sendo que essa renda é composta por ocupações no meio solidário e por outras ocupações. Já mulheres que ganham de um a dois salários mínimos correspondem a 40% e o restante que ganha de 3 a 4 salários mínimos correspondem 13%, das mulheres entrevistadas nenhuma tem o salário superior a quatro salários mínimos.

Na análise dos dados percebemos que todas as mulheres que afirmaram apenas trabalhar com o meio solidário não chegam a ganhar nem um salário mínimo. Para a composição da renda muitas necessitam de outras fontes de renda.

Elielza- “Eu tiro muito pouco com meus artesanatos, tem mês não dá para pagar nem minha conta de luz, não é aquela quantia certa todo mês não”.

Adalva- “Tem mês que tem muitos eventos e vem gente de fora, aí vendemos bem é dá para tirar uma quantia boa, mas já teve mês que eu não vendi quase nada, nesse mês foi aperto”.

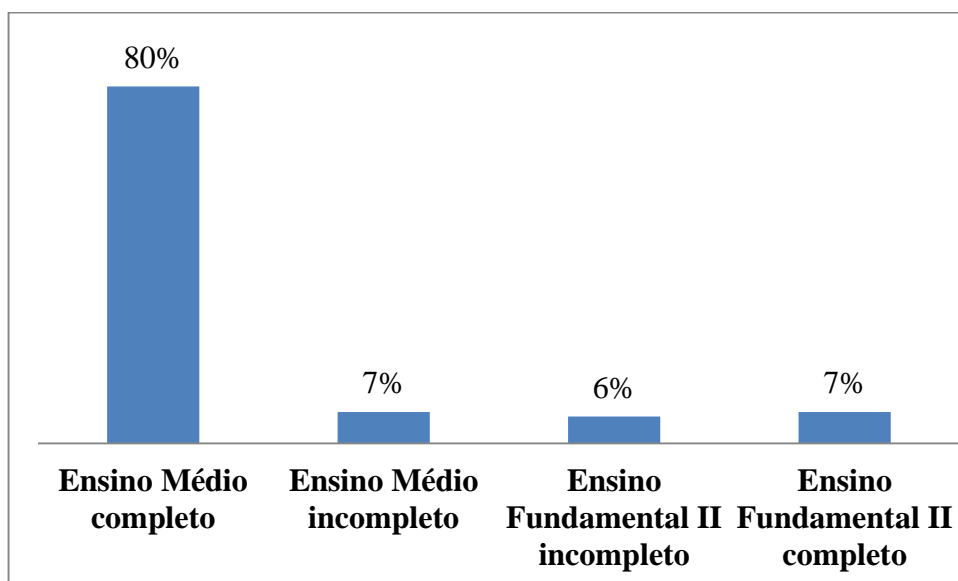
Com os depoimentos delas, podemos perceber o quanto na nossa região há uma falta de valorização e quem tem a economia solidária como única fonte de pode passar por alguns “apertos” na questão financeira.

No decorrer da entrevista todas as mulheres declaram teres acesso aos direitos básicos como educação e moradia, as condições de moradia eram todas com área regularizadas, das quinze entrevistadas apenas duas possuem a casa alugada e uma que é cedida, o restante todas possui casa própria, umas ainda estão para serem quitadas. Das que possuem casa própria todas têm a casa no seu nome e o fato de saírem do aluguel é uma conquista para as mesmas.

4.2 Perfil Educacional

Nesta seção abordaremos o perfil educacional das mulheres em empreendimentos solidários da Associação Marias Artesãs de Serra Talhada – PE e do grupo mulheres girassol do sítio Santo Antônio das Coroas em Triunfo – PE. Os dados obtidos após a aplicação dos questionários percebemos que a grande maioria das mulheres entrevistadas concluíram o ensino médio em contrapartida apenas uma está no ensino superior.

Gráfico 2 – Escolaridade das mulheres em empreendimentos solidários em Serra Talhada - PE e Triunfo – PE, 2019.



Fonte: Elaborado pelo autor. Resultado da pesquisa

Como podemos observar no gráfico 2, 80% das mulheres entrevistadas concluíram o ensino médio, apenas 6% o ensino fundamental II incompleto, outras 7% o ensino fundamental completo e por fim 7% o ensino médio incompleto. O resultado mostra que todas foram alfabetizadas sabem ler e escrever, mas poucas têm em mente de fazer um curso superior. Nesse sentido, um estudo realizado pelo IPEA (2018) onde aponta que mulheres jovens com baixa escolaridade são as que mais desistem de procurar emprego, isto é, pessoas que gostariam de estar trabalhando, mas desistem de procurar por perder a esperança essa situação acontece com mulheres jovens, nordestinas e de baixa escolaridade.

No decorrer da entrevista, ao perguntar se as mesmas tem vontade de fazer um curso superior ou especialização em algo, elas mostraram interesse em fazer cursos para aprenderem a trabalhar com outras matérias primas.

Marilene- “Eu queria era fazer um curso que me ensinasse a trabalhar com a palha de côco, já vi na internet e tinha muita vontade, queria aprender a fazer mais coisas”.

Maria S. Silva- “Se eu pudesse mesmo eu ia investir para fazer um curso de reciclagem, já vi sofá de garrafa pet, tenho muita vontade de aprender também”.

Maria Socorro- “Conclui meu fundamental na “tora”, aprender a ler foi bom demais, já aprendi depois de velha”.

Uma boa parte das mulheres que estão na economia solidária não pensa em fazer um curso superior, mas em se especializar naquilo que já fazem. Aumentar seu conhecimento, as vontades são de aprofundar o conhecimento, como dito nos relatos a visão delas é de cursos que ajudem a desenvolver certos trabalhos. Mesmo com dificuldades como apresentou Maria Socorro, vemos a persistência dessas mulheres em preocupar-se com a conclusão dos estudos, essas mulheres contam com a ajuda da internet para aprender algumas coisas, isto é, esse tipo de acesso faz total diferença na vida dessas mulheres, até porque não é sempre que são oferecidos cursos nas suas.

4.3 Conhecimento de Economia solidária

Na entrevista semiestruturada ao serem perguntadas sobre qual o conhecimento dessas mulheres sobre economia solidária, muitas não sabiam a definição exata, mas apontaram

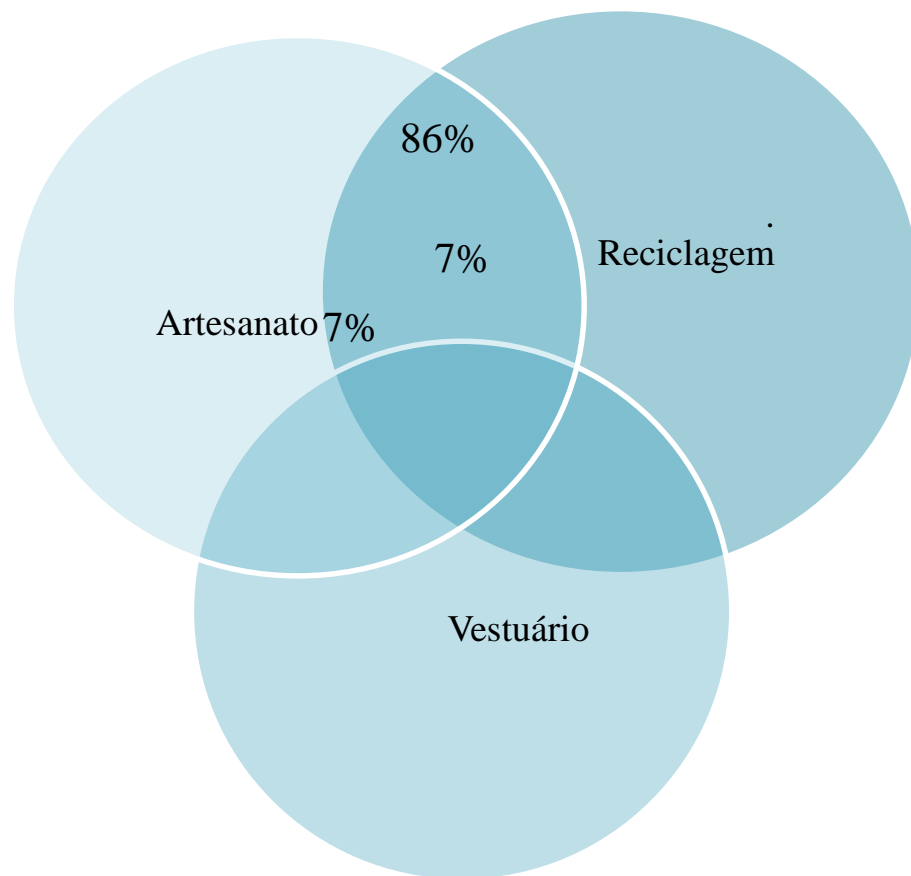
como uma economia para todos, onde todos podem dar sua opinião, tem seu espaço, há trocas entre si, união. Todas as definições levantadas pelas mesmas estão corretas, isto é, a economia solidária além de gerir os recursos naturais e humanos não promove a desigualdade.

A proposta dessa nova economia pautada por princípios como solidariedade, autogestão, sustentabilidade e cooperativismo consistem na quebra de um paradigma e passa a ter uma nova visão com propostas que não se limitam apenas a geração de renda e trabalho, mas na criação de novos pontos de vistas, mais igualdade. Uma economia que busca novas alternativas na adoção de novos hábitos (PINTO, 2006).

A participação das mulheres na economia solidária se inicia a partir do momento em que é deixado de lado o seu protagonismo, gerando assim uma invisibilidade do seu trabalho. De acordo com os relatos, a economia solidária trouxe autonomia para a vida delas, pois além de fazerem o que gostam conseguem organizar seu tempo para outras coisas como: tem tempo para visitar familiares, ser mãe, estudar, ter outra fonte de renda, entre outras tarefas.

O gráfico 3 mostra quais trabalhos são realizados nos empreendimentos solidários que foram entrevistados que são a Associação Marias Artesãs em Serra Talhada-PE e o grupo mulheres girassol no sítio Santo Antônio de Coroas em Triunfo-PE. Como nas cidades foram oferecidos os cursos de capacitação para confecção de produtos artesanais, na cidade de Serra Talhada onde por meio do SEBRAE e Secretária da Mulher que ofertaram cursos surgiu a vontade das participantes em se reunirem e formarem a associação Marias Artesãs, já as mulheres girassol se formavam devido o curso oferecido pelo Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá e Adessu.

Gráfico 3 – Tipos de trabalhos realizados nos empreendimentos solidários, 2019.



Fonte: Elaborado pelo autor. Resultado da pesquisa

Como visto no gráfico 3, 86% das mulheres trabalham com reciclagem e com artesanato, onde contam com ajuda de parentes e na sua própria casa para juntar essa matéria-prima. Apenas 7% trabalham com vestuário, reciclagem e artesanato e outros 7% com vestuário e artesanato. O fato de todas trabalharem com artesanato é devido a facilidade em aprender já que com o acesso a internet torna possível um novo aprendizado

A matéria-prima utilizada na confecção dos artesanatos são materiais que essas mulheres têm em casa como: caixas de leite, restos de tecidos, garrafas pet, papelão, folhas de bananeira, crochê entre outros. Elas se ajudam entre si, há uma troca de materiais entre elas, os lucros são individuais e a produção também, mas com a matéria-prima há essa interação o que é um ponto positivo ao estarem no grupo. Na figura 3, temos a confecção de uma caixinha de palha de bananeira, vemos que leva um tempo para que essa palha esteja boa para ser iniciada a confecção, tudo isso requer cuidado e técnica dessas mulheres.

Figura 3 – Confeção dos artesanatos em casa das participantes, 2019



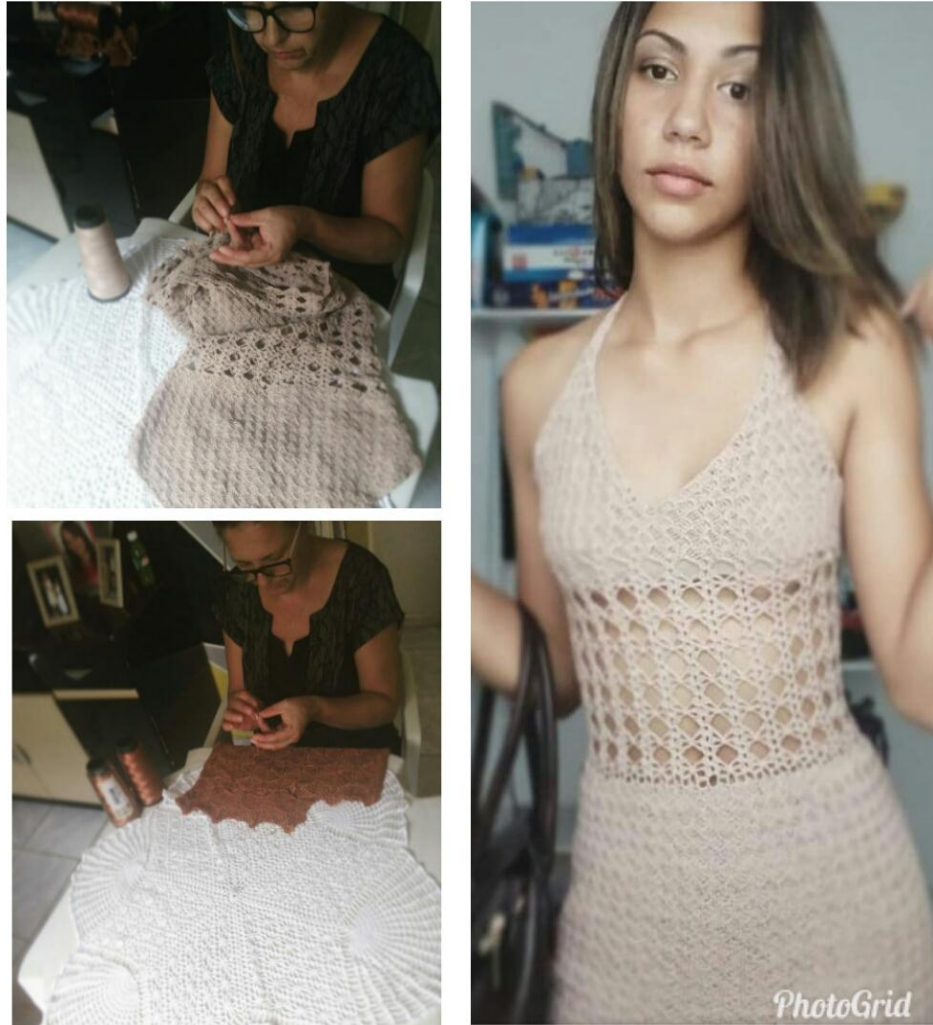
Fonte: Elaborado pelo autor pelo aplicativo PhotoGrid. Resultados da pesquisa

A figura 4, nos mostra a confecção de vestuário e toalhas em crochê, como apontado pela participante o crochê requer muito tempo e é uma das confecções que a maioria dos clientes não estão dispostos a pagar e sempre desvalorizam, não se dão conta da mão de obra empregada.

Janete- “A pior parte é a gente passar muitas horas fazendo uma toalha de mesa dessa e levar para uma feira alguém me dizer que está muito cara e que não vale tudo isso não”.

Givonete- “Eu gosto de trabalhar com crochê, mas só pego quando tem encomenda, sempre que levo peças em crochê para as feiras volto com elas e quando se interessam não perguntam se posso fazer menos”.

Figura 4 – Confeção de vestuário em crochê em casa da participante, 2019.



Fonte: Elaborado pelo autor pelo aplicativo PhotoGrid. Resultados da pesquisa

Figura 5 – Trabalhos realizados nos empreendimentos solidários, 2019.



Fonte: Elaborado pelo autor pelo aplicativo PhotoGrid. Resultados da pesquisa

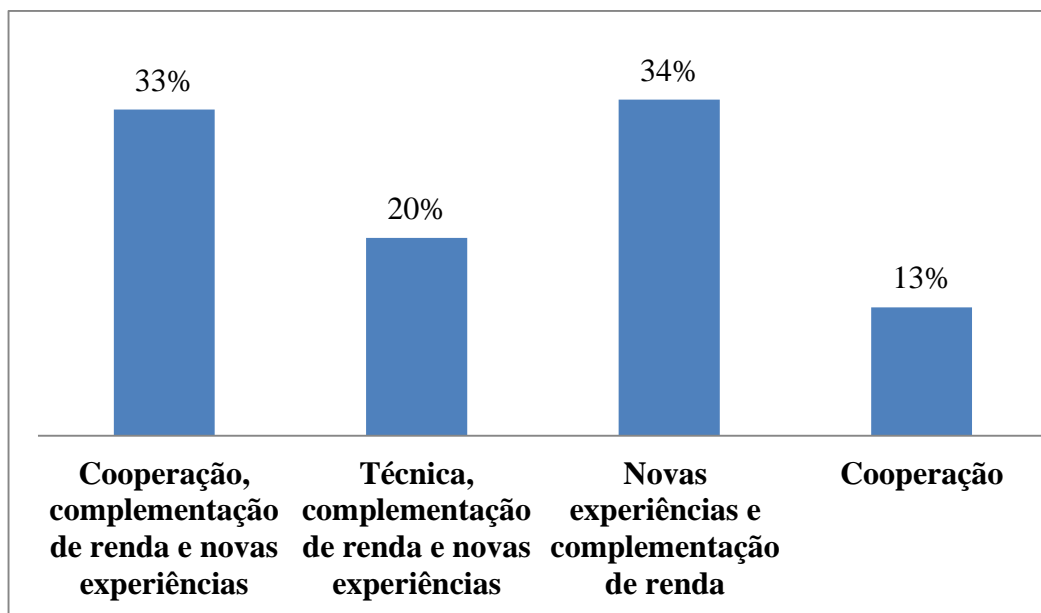
Na figura 5, observamos trabalhos realizados pelas participantes, trabalhos que requerem técnica e aperfeiçoamento. Apesar de não serem valorizadas da forma que deveriam, sentem orgulho e sempre estão dispostas a criarem coisas novas e pensam sempre em adquirir conhecimento para sempre estarem melhorando. Ao entrarem nesse meio é visto como uma oportunidade não só de superação como também de autodesenvolvimento.

A entrada dessas mulheres na economia solidária onde se inserem produtivamente, isto é, se inserir no mercado de maneira geral, uma vez que havendo produção terá renda e obtendo renda e dessa forma, gerando o consumo e assim suprir suas necessidades tanto delas quanto da família. Essa produção fora da lógica mercantil, onde as mesmas define sua jornada de trabalho, dona do seu próprio negócio onde conquistam o seu espaço e autonomia dentro e fora de casa.

Ao entrarem no grupo a maioria das mulheres entrevistadas afirmam que tinham como ideia a complementação de renda, já que esse trabalho se adequa as necessidades e realidade de cada mulher, mas esse não é o único motivo. Como mostrado no gráfico 4, uma grande

maioria das mulheres entrevistadas afirmam que estão no grupo para a troca de experiências seja ela do trabalho ou até mesmo da vida. Ao se inserirem nos grupos há um movimento mais forte, a questão da renda vem como uma consequência de todo um fortalecimento de mulheres.

Gráfico 4 – Motivos para participar do grupo de economia solidária, 2019



Fonte: Elaborado pelo autor. Resultado da pesquisa

Como visto no gráfico 4, 33% das mulheres entrevistadas disseram que a motivação para participarem do grupo foram a cooperação, a complementação de renda e as novas experiência. Já 20% afirmaram se sentirem motivadas a entrarem no grupo pela técnica, complementação de renda e novas experiências, com o maior percentual de 34% as entrevistadas mencionaram que a motivação devido as novas experiências em grupo e a complementação de renda e apenas 13% disseram que a motivação era unicamente a cooperação, pois acreditam que a ação em conjunto permitem progredirem juntas, todas se unem para um objetivo comum. Todas as partes do processo de produção precisam estar interligadas para que o empreendimento tenha êxito no seu objetivo que é o sustento individual de cada integrante.

Na figura 6, nos mostra o quanto essa vivência pode ser enriquecedora para essas mulheres, e de forma positiva, as experiências vivenciadas contribuem para que as mesmas confraternizem, troquem informações, conversas, planos e sonhos. A necessidade de complementação de renda foi bastante mencionada, pois a ES dá esse oportunidade dessas mulheres fazerem a sua própria jornada de trabalho permitindo uma maior flexibilidade nas suas ocupações.

Figura 6 – A motivação de adquirirem novas experiências nos empreendimentos solidários, 2019.



Fonte: Joselita Clotilde Silva (2019)

A igualdade dos direitos entre si podem motiva-las também. O SENAES, vinculado ao Ministério do Trabalho apresentam alguns princípios que são importantes para a economia solidária, como: a autogestão onde a gestão do empreendimento é tomada por meio de decisões democráticas, isto é, todos têm o seu espaço para expor as suas ideias e juntos entrarem num consenso; a solidariedade que é o princípio que se pensa no próximo, no meio ambiente e com o desenvolvimento de forma sustentável.

Na cooperação pretende-se o compartilhamento tanto no trabalho como nos resultados, unindo forças e melhorando a capacidade de cada um, para que juntos cheguem a um crescimento mutuo e evite a competitividade no meio para que todos cresçam igualmente. E a

ação econômica onde suas perspectivas de iniciativas tanto de produção, comercialização, consumo, prestação de serviços e trocas respeitam o princípio da autogestão e cooperação.

Tabela 4 – Princípios que há mais percepção nos empreendimentos solidários, 2019.

Entrevistada	Cooperação	Solidariedade	Respeito à natureza	Autogestão	Democracia
1	x	x	x		
2	x	x	x	x	
3	x			x	
4		x	x	x	
5		x	x	x	
6	x	x	x		x
7	x		x		
8		x			
9	x		x		
10	x	x	x		
11	x		x		
12	x	x	x		
13		x	x		
14	x		x		
15		x	x		

Fonte: Elaborado pelo autor. Resultado da pesquisa

Nesse sentido, ao serem questionadas dos princípios nos empreendimentos solidários o princípio que a maioria mencionam o respeito à natureza como mostrado na tabela 4, pois como as mesmas trabalham com material reciclado foi um dos motivos para a maioria delas concordarem que é necessário o respeito com a natureza, a mudança do sistema econômico começa a partir da valorização do lugar que estamos e ações que nos levem a refletir e repensar o processo produtivo de trabalho, de forma a respeitar o meio ambiente onde é importante pra se ter essa transformação social.

O princípio do cooperativismo citado por 10 mulheres das 15 entrevistadas é vivenciado por elas. Cada empreendimento entrevistado conta com uma líder e algumas questões que são levantadas dentro dos empreendimentos, mesmo com o espaço para opinarem as líderes é quem sempre dá a última palavra. Vale salientar que elas se ajudam entre si, em relação a precisar dividir a sua matéria-prima, mas as produções e lucros são individuais.

A solidariedade nos empreendimentos foi indagada entre elas, mesmo com mais da metade das entrevistadas citando, algumas mulheres no decorrer da entrevista argumentou mencionando que só há espírito solidário para aqueles que são mais próximas, isto é, com as que têm mais afinidade e não com todas as participantes. A visão de solidariedade para algumas mulheres do grupo não é de acordo com o princípio apontado pelo SENAES, que mostra que o individualismo vai contra a solidariedade.

O princípio de autogestão, foi declarado apenas por 4 mulheres entrevistadas, muitas alegaram que seria necessário melhorar nos empreendimentos entrevistados, pois algumas decisões que são tomadas em grupos por não serem unânimes, gerando alguns desentendimentos. A aceitabilidade e concordância entre todas do grupo é um dos desafios enfrentados. Algumas mulheres do grupo mulheres do girassol relataram que preferem o grupo menor, pois assim facilitam as decisões.

A democracia nos empreendimentos, apesar de ser um dos princípios propostos pela economia solidária, um espaço democrático onde todas as podem dá suas opiniões, serem ouvidas, apenas 1 das mulheres entrevistadas mencionam o princípio. Como dito nos relatos, o pensar em si é o protagonista e o pensar no próximo é algo para um segundo plano. Mesmo com alguns princípios sendo pouco citados por essas mulheres, alguns tiveram uma grande representação como o cooperativismo, onde mostra a união de uma boa parte delas seja para a troca de experiências ou um momento que as mesmas se sintam motivadas.

. Na figura 7, mostra a reunião das artesãs na cidade de Serra Talhada- PE, onde acontecem palestras motivacionais e também uma troca de experiências com as mesmas. Nessas reuniões algumas das artesãs disseram que é o momento onde as mesmas trocam conhecimentos e conhecem artesãs de fora, aprendem coisas novas e enriquecem ainda mais suas técnicas.

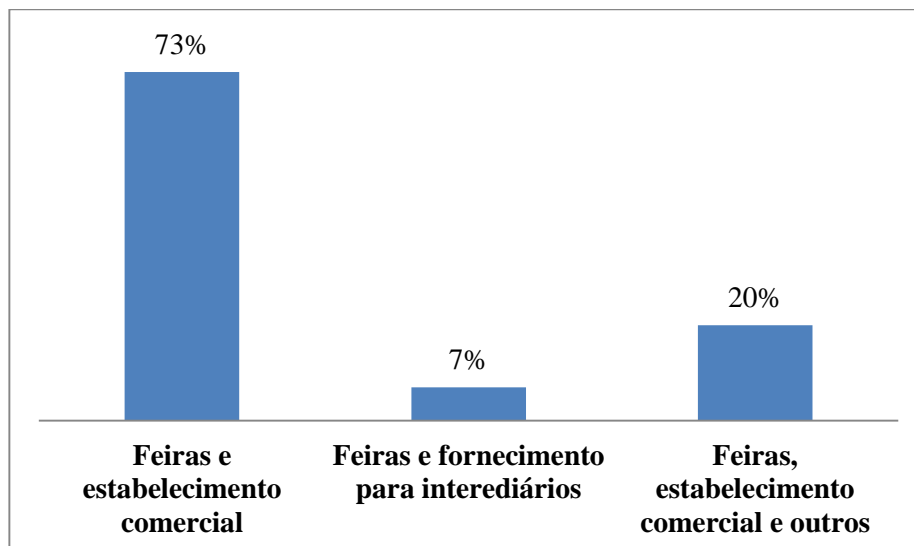
Figura 7 – Reuniões de artesãs em Serra Talhada – PE, 2018.



Fonte: Maria Salete Santos (2018)

As reuniões acontecem sempre quando está próximo de algum evento ou feiras para a Associação Marias Artesãs, já para o grupo mulheres girassol acontecem todas as semanas para debaterem assuntos, fazer alguns artesanatos juntas dividir matéria- prima se for o caso, ou seja, essas reuniões vão além do simples fato de sentar para se decidir algo, é mais um fortalecimento de cada mulher que está naquele meio.

Gráfico 5 – Comercialização dos produtos/ serviços nos empreendimentos solidários, 2019.



Fonte: Elaborado pelo autor. Resultado da pesquisa

A comercialização dos produtos acontece mais em feiras, como mostrado no gráfico 6, 73% dessa comercialização é em feiras e estabelecimentos comerciais, vale ressaltar que nas feiras é onde as mesmas conseguem obter mais lucro e se as feiras forem fora da cidade, os seus produtos são mais valorizados. Algumas mulheres no decorrer da entrevista deixam claro o descaso de alguns órgãos que deveriam ajudar, mas infelizmente viram as costas.

Maria Socorro- “Não vemos nenhuma política que ajude mulheres que estão na nesse meio, eu sinto o descaso”.

As prefeituras de ambas as cidades ajudam sempre na divulgação das feiras, mas questões como iluminação, organização do local, a questão do deslocamento todos os gastos são por conta delas.

Maria Socorro- “Já teve feiras que eu fui que eu não consegui vender nada, nem o dinheiro do moto-táxi”.

Josefa- “Nem sempre conseguimos vender algo nas feiras, por isso que eu prefiro o porta a porta, sempre que vou consigo vender alguma coisa”.

Maria Salete- “Quando vamos para feiras fora da cidade, em capitais sempre vendemos muitas coisas, parecem que o pessoal de fora valoriza mais do que os da cidade”.

Devido serem desvalorizadas nas suas próprias cidades, muitas se sentem desmotivadas, mas quando se tem a oportunidade de participar de feiras fora sentem seu trabalho ser tratado e visto de maneira diferente. O reconhecimento do seu trabalho, da mão de obra empregada motivam essas mulheres.

Ao se tratar da comercialização por meio de estabelecimentos comerciais também tem das mulheres que afirmaram comercializar dessa maneira também ressaltam que essa não é uma das melhores formas de comercializar, visto que não há tanta procura por artesanatos de modo geral. Contudo, muitas ainda preferem o porta a porta mencionado no gráfico como a opção outros, algumas mulheres mencionaram que conseguem vender mais indo de casa em casa ao deixar em estabelecimentos comerciais. Já a comercialização por intermediários acontecem quando essas mulheres tem proximidade para que aconteça esse fornecimento, esses intermediários são pessoas que as mesmas têm proximidade, ou seja, lojas de conhecidos ou até mesmo pessoas da família.

Nas figuras 7 e 8, como apresentados no gráfico acima são uma das feiras que as participantes organizaram e outro organizado pela prefeitura de Serra Talhada- PE, respectivamente, os dois eventos ocorreram na cidade de Serra Talhada. Nas feiras locais, apesar da dificuldade na comercialização ainda é uma oportunidade para a divulgação tanto do grupo como também dos artesanatos em si.

Joselita- “A época que mais vendemos aqui em Triunfo é quando tem as festas, pois vem muitos turistas e conseguimos sempre vender as coisa que fizemos”.

Josefa- “Por mais que a gente não consiga vender, as feiras aumentam os nossos contatos, conhecemos outras artesãs e também recebemos encomendas, o nosso trabalho está sendo divulgado ali”.

Figura 8 – Comercialização dos produtos por meio de feiras, 2019.



Fonte: Elaborado pelo autor pelo aplicativo PhotoGrid. Resultados da pesquisa

Figura 9 – Comercialização de feira organizada pela prefeitura de Serra Talhada-PE, 2017.



Fonte: Prefeitura de Serra Talhada – PE. Elaborado pelo aplicativo PhotoGrid.

Os relatos dessas mulheres mostra que onde estão inseridas na divisão sexual do trabalho levaram muitas delas para ES, dedicam-se as atividades que são possíveis nas condições de difícil acesso ao mercado de trabalho, isto é, procuram atividades que tenham mais conhecimento, técnica e experiência. A ES acaba dando possibilidade para essas mulheres dividirem o seu tempo com outras ocupações como: responsabilidade familiar, a possibilidade de serem donas do seu próprio negócio e também permite estarem em outra atividade para compor essa renda.

Nos empreendimentos solidários entrevistados constatamos que devido muitas dessas mulheres serem a “chefe” do lar por motivos dos seus companheiros estarem desempregados ou até mesmo ganharem salários inferiores do que as mesmas, várias vezes foram alvo de preconceitos até mesmo pelo próprio companheiro. Para algumas mulheres, estar no meio solidário traz uma reflexão da sua condição de mulher, afirmando a sua identidade e sua representatividade seja para lutar pelos seus direitos como também para reivindicar a sua

participação em espaços que foram impostos pela sociedade, espaços esses dominados por uma estrutura patriarcal.

Esses espaços, temos como exemplo o mercado de trabalho que é como as pessoas têm acesso à renda, isto é, uma das formas de controle de riqueza da população. Podemos dizer também que é um mecanismo de garantia onde se tem diversas desigualdades. Principalmente com a figura do homem sendo exaltada e o tratamento da mulher sendo inferiorizado. Essa realidade tem sido mudada dia após dia, pois as obrigações da casa não dependem exclusivamente das mulheres e cada vez mais as mulheres assumem o orçamento da família, mas mesmo estudando e se qualificando mais ainda assim ganham menos do que os homens.

O paradoxo das mulheres é que embora tenham mais possibilidade do que os homens em termos de educação escolar, no mercado de trabalho são as mais discriminadas, tem menos possibilidade de trabalhar em uma grande diversidade de profissões como os homens. As mulheres escolhem atividades que estão mais próximas da sua educação, ou seja, como cuidadoras ou coisas que estejam interligadas a atividades domésticas.

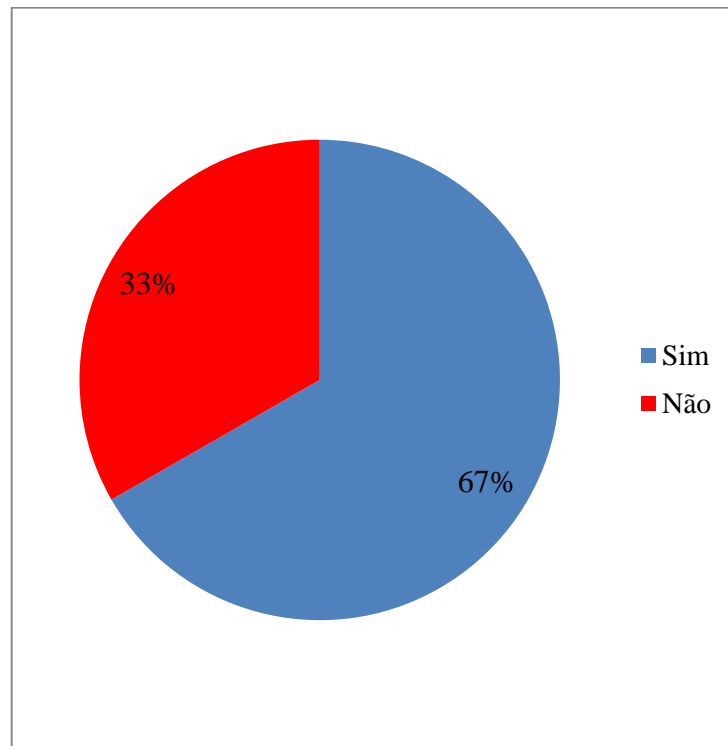
Essa é uma das áreas onde as políticas públicas deveriam olhar com muita especificidade, ou seja, o que é necessário fazer para que essas diferenças sejam tratadas. A ES traz um questionamento sobre a relação de gênero, incluindo essas mulheres no mercado de trabalho e não promovendo desigualdade. Mas ainda assim ao serem questionadas sobre sofrerem preconceitos por questão de gênero, mesmo estando em meios solidários sessenta e sete por cento disseram que sofrem, como mostra no gráfico 7. Algumas mulheres deixaram claro na entrevista semiestruturada que se sentem confortáveis por ganhar mais do que seus parceiros e isso as deixam confiantes.

Percebemos que o movimento da ES coloca como uma alternativa a possibilidade de uma mudança estrutural, igualdade nas relações de trabalho e também de vida para essas mulheres, dando condições a uma autonomia econômica. Apesar de que não estamos tratando apenas de mulheres que não conseguiram entrar no mercado formal, mas que o meio solidário serviu tanto para complementação de renda como para um fortalecimento de identidade e na autoestima das mesmas.

Ainda no gráfico 7, vemos que 33% das mulheres que disseram não sofrer preconceito em relação a gênero são as que os seus companheiros se encontram desempregados ou tem salários maiores que os mesmos e arcam com mais despesas da casa. Observando os relatos de algumas mulheres, participar da economia solidária é uma possibilidade de ter autonomia,

reconhecimento familiar, superação, isto é essas mulheres se autodesenvolvem mesmo que ainda que haja uma relação de opressão entre homens e mulheres.

Gráfico 6 – Distribuição de algum preconceito sofrido por questão de gênero por essas mulheres que estão nesses empreendimentos solidários, 2019.

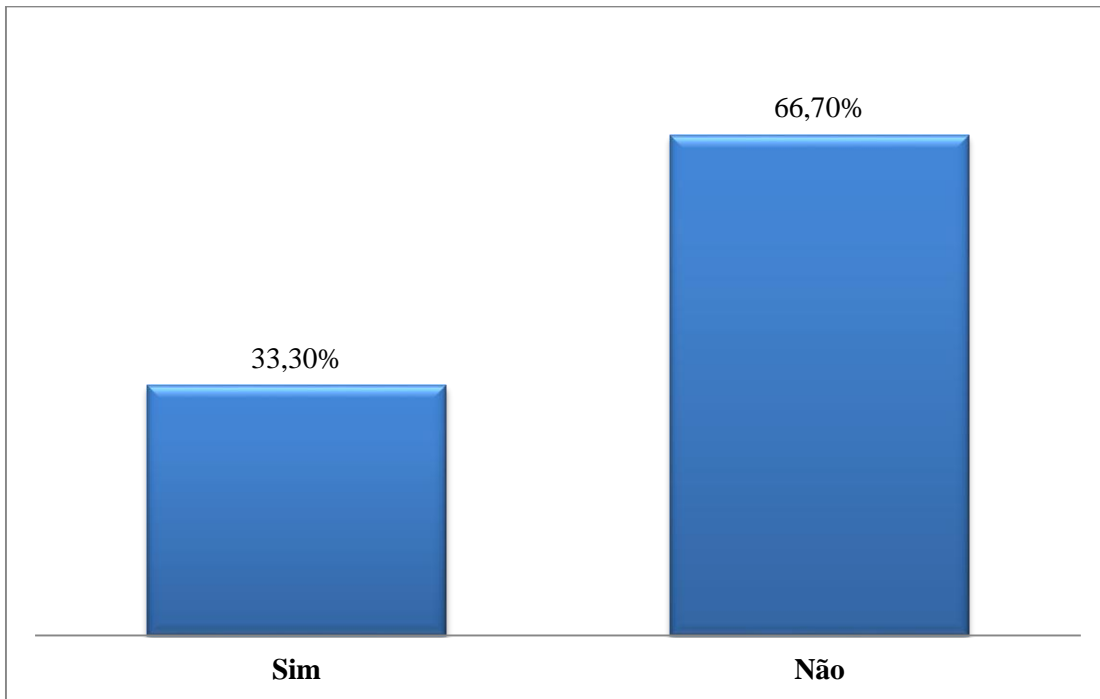


Fonte: Elaborado pelo autor. Resultado da pesquisa

A ES permite uma nova perspectiva a essas mulheres, trazendo uma reflexão sobre a sua condição de mulher e sua descoberta pessoal onde fomenta a sua participação em assumir outros papéis, como por exemplo, a “chefe” do lar. No gráfico 8, percebemos o quanto essa nova economia pode contribuir na autoconfiança dessas mulheres, 67% não se sente inferiores nas relações de trabalho e 33% confirmam que se sentem inferiores.

Ao serem questionadas por questões de inferioridade muitas disseram que o amor ao trabalho não permite isso, fazer o que se gosta e ainda ganhar por isso é uma das coisas mais gratificantes, mesmo na maioria das vezes não sendo valorizado, o sentimento de gratificação após concluírem o seu trabalho ninguém pode tirar delas.

Gráfico 7 – Distribuição em relação à inferioridade por questões de gênero nas relações de trabalho das mulheres em empreendimentos solidários, 2019.



Fonte: Elaborado pelo autor. Resultado da pesquisa

É interessante ressaltar que as experiências dessas mulheres ao estarem no meio solidário possibilitam um reconhecimento e a sua visibilidade enquanto mulher e busca a desconstrução de uma ideia de superioridade masculina. Com esse sentimento de confiança que as mesmas possuem promove uma ruptura dessa ordem imposta pela sociedade. Ainda que com a divisão sexual do trabalho essas mulheres nesses empreendimentos representam não só uma transformação econômica, mas também social.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou analisar e compreender o papel que a economia solidária tem na vida dessas mulheres, focalizando na sua vivência e construção de uma nova alternativa econômica, solidária e também social. Nesse sentido, nota-se que a experiência de estarem na economia solidária tem sido importante para impulsionar a sua autonomia e não só a isso, mas a construir uma nova realidade, como exemplo a de serem reconhecidas e valorizadas pelas suas atividades e características.

Com o objetivo de verificar a influência da economia solidária na vida e trabalho dessas mulheres, a pesquisa contou com dois empreendimentos solidários que foram à Associação Marias Artesãs na cidade de Serra Talhada-PE e o grupo mulheres girassol do sítio Santo Antônio de Coroas em Triunfo-PE, ambos os grupos são compostos apenas por mulheres que trabalham com artesanato, reciclagem e vestuário.

A partir da análise do resultado da pesquisa foi possível identificar que essas mulheres estando na economia solidária refletem mais e abre a discussão do papel da mulher tanto na esfera pública como na privada. A saída de algumas mulheres do grupo é devido à carência de feiras em seus municípios e da valorização do seu trabalho.

A maioria das mulheres entrevistadas mora com filhos e companheiros e arcam com a maior parte das despesas, algumas conseguem sobreviver apenas com o artesanato como renda principal, mas com dificuldades. No decorrer da entrevista semiestruturada apontam a desvalorização do trabalho nas suas cidades, mas ainda assim o amor pelo trabalho não as fazem desistir.

Ao declararem suas rendas, observou-se que apenas seis delas se encontram abaixo do nível de renda per capita das cidades onde os empreendimentos estão localizados. A pesquisa ainda mostrou que nenhuma das mulheres consegue tirar o salário mínimo apenas com a confecção dos seus artesanatos, por esse motivo muitas fazem “bicos” ou procuram outra fonte de renda e algumas contam com ajuda do programa de renda do Governo Federal Bolsa Família.

A pesquisa mostrou que todas têm acesso aos direitos sociais básicos, as condições de moradia são todas em áreas regularizadas, em questão a escolaridade apenas uma não concluiu o ensino médio. Ao serem questionadas sobre o conhecimento das mesmas sobre

economia solidária todas demonstraram ter, afirmam ser um espaço delas para a troca de informações, união e que se sentem confortáveis ao estarem nesse meio.

A economia solidária dá a oportunidade para essas mulheres organizarem o seu tempo e isso o sistema capitalista não dá essa abertura. No sistema capitalista é necessário que se adapte as regras impostas, já na economia solidária as organizações são adaptáveis, permite que as mulheres possam exercer o papel de mãe, tempo para estudar e fazer suas coisas, sem aquela necessidade de trabalhar oito horas por dia.

A presente pesquisa apresenta algumas limitações, pois foram entrevistados apenas dois empreendimentos. Nesse estudo, a entrada dessas mulheres na economia solidária na maioria das vezes é para se inserirem no mercado de trabalho, mas não se resume a isso elas ganham autonomia tanto dentro quanto fora de casa, se sentem fortalecidas, compartilham experiências e isso torna o trabalho uma forma de lazer, os dados mostram que a principal motivação dessas mulheres fazerem parte de um grupo é pela troca de experiência, vindo até antes da complementação de renda.

Nos empreendimentos entrevistados percebemos que o respeito à natureza, o cooperativismo e a solidariedade foram os mais citados. Essas mulheres se sentem melhor em poder contribuir com a natureza, afirmam que o que antes era visto apenas como lixo, passa a ganhar formas, uma caixa de leite se transforma num abajur e esse conhecimento de cuidar do meio ambiente, reciclar e passar a olhar as coisas com mais cuidado muda não só a vida delas, mas a da sociedade.

Entende-se que está na economia solidária por meio de algumas iniciativas econômicas solidárias pode ser capaz de ter atuação tanto para ressignificação do trabalho, como abertura da construção de percepções, empoderamento, mudança de meio ambiente, práticas de um coletivo e não individuais. Ressaltando ainda a melhoria de vida das pessoas e famílias que estão no meio solidário, ainda que tenham barreiras a serem enfrentadas.

Sabemos que mulheres e homens são socializados de maneiras diferentes, onde se reflete em várias esferas. Ao serem questionadas sobre a questão de desigualdade de gênero muitas ainda sofrem, e até mesmo dentro de casa. Mas não se sentem inferior por questão de gênero, se sentem capazes e como muitas falaram a economia solidária impulsionou todo esse fortalecimento e essa confiança.

Espera-se que, a partir desse estudo de caso, possam ser realizadas novas investigações nesses empreendimentos solidários que buscam uma nova construção social, econômica e

também política. E a partir desse estudo que se busquem mais conhecimentos desses assuntos na região já que infelizmente estão escassos e também a posição das propostas de alguns órgãos que podem ajudar esses empreendimentos. Entende-se que a emancipação dessas mulheres por meio da economia solidária é um passo largo, mas que está sendo dado dia após dia possibilita a construção de novas formas de vida.

Como sugestões de pesquisa, é relevante fazer uma investigação para saber se a economia solidária promove o desenvolvimento local; Se há relação entre desemprego e economia solidária, ou seja, saber o motivo de entraram na economia solidária; Fazer um levantamento para saber quais são os projetos que a economia solidária tem na cidade e os impactos causados.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATLAS BRASIL. Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil. 2013. Disponível em: <<http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/ranking>>. Acessado em 09/06/2019

BRASIL. MINISTÉRIO do Trabalho e Emprego – MTE. Relação Anual de Informações Sociais ação Anual de Informações Sociais – RAIS. Brasília: disponível em <<http://www.mte.gov.br/rais/default.asp>>. Acessado em julho 2019.

CARRASCO, Cristina. **Para uma economia feminista**. In: Mujeres e economia: nuevas perspectivas para viejos y nuevos problemas, 1998.

DEERE, C.; LEÓN, M. **O empoderamento da mulher**: Direitos a terra e direitos de propriedade na América Latina. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

FBES – FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. In: PLENÁRIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 3., Ata... 2002a. Disponível em: www.fbes.org.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=28&Itemid=21.

FBES – FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. In: PLENÁRIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. In: PLENÁRIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 3., 2002b (Relatório). Disponível em: www.fbes.org.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=29&Itemid=21 6.

FBES – FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. In: PLENÁRIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. In: PLENÁRIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 4., 2008a (Relatório final). Disponível em: www.fbes.org.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=746&Itemid=216.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Ed. Bookman, 2013.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de e LAVILLE, Jean-Louis. **A economia solidária: uma abordagem internacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. A problemática da economia solidária: um novo modo de gestão pública?. Cadernos Ebape, FGV-RJ, vol. II, n° 1, Março 2004.

GAIGER, L. I. A economia solidária e o projeto de outra mundialização. **DADOS** – Revista de Ciências Sociais, v. 47, n. 4, p.799-834, 2004.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: http://docente.ifrn.edu.br/mauriciofacanha/ensino-superior/redacao-cientifica/livros/gil-a.-c.-como-elaborar-projetos-de-pesquisa.-sao-paulo-atlas2002./at_download/file. Acessado em: 09/01/2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUÉRIN, Isabelle. Introdução Geral. In: *As mulheres e a economia solidária*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 11-30

INSTITUTO BRASILEIRO de GEOGRAFIA e ESTATÍSTICA - **Mulheres ganham menos do que homens em todas as ocupações**. Brasília: IBGE, 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-03/pesquisa-do-ibge-mostra-que-mulher-ganha-menos-em-todas-ocupacoes> Acesso em: 10 jul. 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA. **Mulheres jovens de baixa escolaridade são as que mais desistem de procurar emprego**. Brasília: IPEA, 2018. Disponível em: - http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34242:mulheres-jovens-de-baixa-escolaridade-sao-as-que-mais-desistem-de-procurar-emprego&catid=3:dimac&directory=1 Acesso em: 12 jun. 2019.

LEÓN, Magdalena. El empoderamiento de las mujeres: encuentro del primer y tercer mundos en los estudios de género. In: **La ventana: Revista de Estudios de Género**. N.13. Guadalajara, 2001. pp. 94-106. Disponível na internet em <<http://www.publicaciones.cucsh.udg.mx/ppperiod/laventan/Ventana13/ventana13-4.pdf>> Consultado em 22/01/2019.

MELO, Hildete P.; THOMÉ, Débora. **Mulheres e poder: histórias, ideias e indicadores**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO (MDA). Disponível: http://sit.mda.gov.br/images/mapas/tc/tr_082_sertao_pajeu_pe_abr_2009.jpg. Acesso em 12.06.2019.

MINISTÉRIO DE TRABALHO E EMPREGO (MTE). **SIES**. Disponível em: http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812B35FA90012B49A1F9B63B16/sies_guiia_2009_01.pdf. Acesso em 05.02.2019.

NOGUEIRA, C. M. **A feminização do mundo do trabalho**. São Paulo: Autores Associados, 2004.

PINTO, J. R. L. **ECONOMIA SOLIDÁRIA** : De volta à arte da associação. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. SP: Fundação Perseu Abramo, 2002a.

SINGER, P. SOUZA, A. R. **A Economia Solidária no Brasil**: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2007.

STROMQUIST, Nelly P. (2002). “**Education as a means for empowering women**”. In J. Parpart, S. Rai & K. Staudt (eds), *Rethinking empowerment: gender and development in a global/local world*. London: Routledge, pp.22-38.

APÊNDICES - ROTEIRO DE ENTREVISTA
APLICADO AS MULHERES COM EMPREENDIMENTOS
SOLIDÁRIOS NA CIDADE DE SERRA TALHADA – PE E TRIUNFO –
PE

APÊNDICE A

O presente objeto de pesquisa é direcionado as mulheres com empreendimentos solidários a associação Marias artesãs em Serra Talhada-PE e o grupo mulheres girassol do sítio santo Antônio de Coroas em Triunfo-PE tem por objetivo analisar os aspectos históricos e sociais da presença da economia solidária, verificando a influência social, econômica e política das mulheres que atuam nesses grupos e também apontar as desigualdades de gênero nessas relações de trabalho. É formado por duas partes: primeira contempla um breve perfil das entrevistadas, envolvendo informações socioeconômicas. A segunda parte é formada por questões abertas, – sobre estarem inseridas nesses grupos e questões sobre a mudança na vida das mesmas após entrarem no meio solidário.

QUESTIONÁRIO APLICADO AS MULHERES COM EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS NA CIDADE DE SERRA TALHADA E TRIUNFO - PE

Data da Aplicação do Questionário ____/____/____

Nome do pesquisador _____

Entrevistado: _____

Local da entrevista: _____

Bairro/Sítio/Localidade que mora o entrevistado: _____

1 Associação/Grupo/Empreendimento

A – PERFIL SOCIOECONÔMICO

2. Idade [____] anos

3. Estado Civil:

3.1 [1] Solteiro

3.4 [4] Viúvo

3.2 [2] Casado

3.5 [5] Outro. Qual?

3.3 [3] Divorciado/Separado

3.6 [99] NS/NR

4. Mora com (pode marcar mais de um) [Obs. Apenas que mora na mesma residência]

4.1 [1] Sozinho

4.4 [4] Pais [____]

4.2 [2] Companheiro/a [____]

4.5 [5] Outros. Qual? [____]

4.3 [3] Filho(s) [____]

4.6 [99] NS/NR

5. Ocupação do entrevistado

5.1 Ocupação principal [_____]

5.2 Outras ocupações com renda [_____]

5.3 Outras ocupações sem renda [_____]

6. Renda Familiar (em Salários Mínimos - Mensal)*- considerando todas atividades remuneradas dos membros que vivem na mesma residência*

6.1 [1] até 1 (R\$ 998,00)

6.4 [4] 3 a 5 (R\$ 1.996,01 e R\$ 4.990,00)

6.2 [2] 1 a 2 (R\$ 998,01 até R\$ 1.996,00)

6.5 [5] acima de 5 (R\$ 4.990,01)

6.3 [3] 2 a 3 (1.996,01 até R\$ 2.994,00)

6.6 [99] NS/NR

7. Terreno/Local da residência:

7.1 [1] Ocupação/Invasão

7.3 [3] Outro. Qual? _____

7.2 [2] Área regularizada

7.4 [99] NS/NR

8. Situação dessa residência

8.1 [1] Própria

8.4 [4] Invasão/Ocupado

8.2 [2] Alugado (Valor do aluguel - R\$ _____)

8.5 [5] Outro. Qual?

8.3 [3] Cedido

8.6 [99] NS/NR

9. Tipo da residência

8.1 [1] Apartamento

8.3 [3] Quarto/Kitnet

8.2 [2] Casa

8.4 [4] Outro. Qual?

[99] NS/NR

10. Além da atividade em empreendimentos solidários na unidade familiar, informe sobre outras ocupações/fontes de renda que A ENTREVISTADA tenha

Fontes de renda	O que faz / origem da renda	Valor mensal R\$
Empreendimento solidário		
Ocupação agrícola		

Ocupação não-agrícola		
Aposentadoria		
Pensão		
Bolsa Família		
BPC		
Outra ()		
Outra ()		

11. Além da atividade em empreendimentos solidário na unidade familiar, informe sobre outras ocupações/ fontes de renda de outras pessoas eu MORAM com a entrevistada

Grupos de ocupação/fontes de renda	membro(s) da família (*)	Valor mensal (R\$)
Ocupação agrícola fora da unidade familiar		
Ocupação não agrícola		
Aposentadoria		
Bolsa Família		
BPC		
Pensão		
Outra (_____)		
TOTAL		

B – PERFIL EDUCACIONAL

12. Escolaridade

- | | |
|---|---------------------------------------|
| 12.1 [1] Não frequentou | 12.9 [9] Ensino Técnico incompleto |
| 12.2 [2] Alfabetizado/Primário | 12.10 [10] Ensino Técnico completo |
| 12.3 [3] Ensino Fundamental I incompleto | 12.11 [11] Ensino Superior incompleto |
| 12.4 [4] Ensino Fundamental I completo | 12.12 [12] Ensino Superior completo |
| 12.5 [5] Ensino Fundamental II incompleto | 12.13 [13] Outro. Qual? |
| 12.6 [6] Ensino Fundamental II completo | 12.14 [99] NS/NR |
| 12.7 [7] Ensino Médio incompleto | |
| 12.8 [8] Ensino Médio completo | |

C – CONHECIMENTO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA

13. Qual a forma de organização do empreendimento?

13.1 [1] grupo informal

13.3 [3] cooperativa

13.2 [2] associação

13.4 [4] Outro. Qual?

11. O empreendimento participa de alguma rede de produção, comercialização, consumo ou crédito?

[1] Não

[2] Sim. Qual?

[99] NS/NR

12. Quais tipos de trabalho você realiza no empreendimento? [pode marcar mais de uma alternativa]

[1] Artesanato

[5] Vestuário

[2] Alimentação

[6] Outros. Quais?

[3] Reciclagem

[7] NS/NR

[4] Hortifrutigranjeiro

13. Qual a área de atuação do empreendimento?

[1] Rural

[2] Urbana

[99] NS/NR

14. O que motivou você participar deste grupo?

[1] Cooperação

[5] Necessidade de complementação de renda

[2] Liberdade de expressão

[6] Outros. Quais?

[3] Técnica

[7] NS/NR

[4] Novas experiências

15. Quais dos princípios há mais percepção no seu empreendimento solidário?

[1] Cooperativismo

[5] Democracia

[2] Ação econômica

[6] Respeito à natureza

[3] Solidariedade

[7] Outros. Quais?

[4] Autogestão

[8] NS/NR

16. Aproximadamente qual o faturamento (apurado) obtêm mensalmente com essa atividade no grupo? (se não souber mensal, pode ser semanal)

Menor apurado do mês R\$ _____

Maior apurado do mês R\$ _____

Média R\$ _____

17. Nos últimos anos participou de algum evento de capacitação/ qualificação?

[1] Não

[2] Sim. Qual?

[99] NS/NR

Se sim, de que tipo e em que ano *[pode marcar mais de uma alternativa]*

Ano

[1] curso de formação []

[2] Seminários/eventos []

[3] Fórum de debates/reuniões []

[4] Outros []

[99] NS/NR

18. Quem realizou essas capacitações/formações?

[1] Sebrae

[4] Outros. Quais?

[2] Senac

[99] NS/NR

[3] Prefeitura

19. Fez capacitações/formações em outros municípios/Estados

[1] Não

[2] Sim. Onde e quais?

20. Como é feita a comercialização dos produtos / serviços?

[1] Feiras

[3] Estabelecimento comercial

[2] Fornecimento para intermediários

[4] Outros, quais?

21. Já comercializou em outros municípios/Estados

[1] Não

[2] Sim. Onde?

22. O empreendimento contou com algum tipo de apoio, assistência, assessoria ou capacitação no início das atividades?

[1] Não

[2] Sim, qual o tipo?

23. Já sofreu algum preconceito por questão de gênero nas relações de trabalho?

[1] Não

[2] Sim

24. Já se sentiu inferior devido alguma questão de gênero nas relações de trabalho?

[1] Não

[2] Sim. Como foi?

Roteiro da entrevista

A partir daqui peço autorização para gravar. Essa autorização precisa aparecer na gravação informando o nome do entrevistado, data e título da pesquisa.

25. Os maiores desafios vivenciados pelo grupo? E por você, desde que entrou no grupo?

26. O que mudou na sua vida após está inserida no empreendimento solidário?

27. Sente diferença quando está participando no empreendimento solidário?

28. Como você se sente em participar de um empreendimento solidário apenas com mulheres? E se tivesse homens também atuando junto?

29. Como surgiu o interesse em participar?

30. Na sua percepção do dia a dia, quais as desigualdades no trabalho que as mulheres mais enfrentam? (incluindo trabalho doméstico e outros tipos de trabalho, trabalho não é apenas algo remunerado)